



*A vila
assombrada
pelos makixi*



LUCAS CASSULE

A vila
assombrada
pelos makixi

A vila
assombrada
pelos makixi

LUCAS CASSULE

©Lucas Cassule e É Sobre Nós Editora, 2024

Título: A vila assombrada pelos makixi

Autor: Lucas Cassule

Contactos para palestra, seminário e workshop

E-mail: lucascassule@gmail.com

Instagram e Facebook: [@lucascassule](https://www.instagram.com/lucascassule).ao

Edição e paginação

É Sobre Nós Editora

Design de capa

Maltaimedia

Execução Gráfica

É Sobre Nós Editora

Ilustração do dikixi

Altino Chindele

Foto do autor

DS Record

Revisão

Alzira Simões | Jemima Kiala

Marketing e publicidade

Alusapo | Lucas Cassule

Conselho Editorial

Dito Benedito | Alzira Simões | Sukiankasa Nsambu

Registado na Biblioteca Nacional de Angola sob o n.º 9677/2020

ISBN: 978-989-54919-0-2

3.ª edição, Abril de 2024

É SOBRE NÓS EDITORA

Rua dos Funantes, Largo do Lote 18 | Prenda – Angola

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por quaisquer meios sem autorização por escrito do autor.



À minha mãe, Maria Alberto Gomes, pelo heroísmo de ser mãe nas dificuldades e nas necessidades.

Seja qual for a dificuldade que possas enfrentar, jamais desistas dos estudos.

Carlos Manuel João Cassule (1998)

(Em memória)

ÍNDICE ASSOMBRADO

PRÓLOGO	11
I - MUDANÇAS	13
II - KOTA MULÓJI	20
III - MAUINDO	29
IV - MUQUIAMA-SAMBA	33
V - AMIGOS E AVENTURAS	40
VI - DIKIXI E OUTROS MONSTROS	46
VII - DESVENDANDO MISTÉRIOS	57
VIII - CAÇAS E KINDEMBE	69
IX - A PROVA DE SANGUE	75
X - DUELO MORTAL	86
SOBRE O AUTOR	101

PREFÁCIO

Sempre acreditei no melhor que a vida nos podia dar.

Assim, na minha meninice, sempre acreditei em fadas e em monstros, sereias e dragões, em anjos e em diabos.

Hoje, ao ler este livro, viajei para o fundo de Angola, para o fundo dos povos angolanos, das suas crenças e das suas verdades.

O imaginário da literatura angolana reside nesta forma verdadeira de contar contos.

As verdades transmitidas de boca em boca, de geração em geração.

Este livro faz-nos mergulhar numa aventura de coragem, dedicação e sacrifício, numa dedicação ao lugar verdadeiro que nos rodeia, aquele lugar que diz que a nossa casa é onde somos felizes, às famílias, aos amigos, numa jornada que ultrapassa a guerra, que ultrapassa as condições sociais, mas encontra carinho e ajuda de uma IFA, onde seria improvável, porém fundamental, num gerador de bicicleta para as festas no bairro. Encontramos também a capacidade imensa de comunidade e, não esquecer, encontramos a coragem, a determinação de quem sabe viver onde vive e com quem vive, nas lavras, na selva, no seu bairro, no bairro do outro, no bairro de todos nós.

Este livro será um desafio aos escritores que quiserem escrever sobre Angola, sobre os angolanos, sobre os monstros que acreditamos existir e aqueles monstros que, fantásticamente, conseguiremos vencer.

Escrever sobre as práticas mágicas, sobre factos inexplicáveis que o feiticismo e o cinismo comunal vão explicando, sem vergonha de trazer o pequeno humor, o pitoresco e o improvável, é de grande realce, de grande orgulho.

Assim vejo este maravilhoso livro, este livro que nos abre as portas da imaginação.

Victor Amorim Guerra

Jornalista e escritor.

PRÓLOGO

Kongo andou apenas uma distância mínima, enfiando-se mata adentro. Nas proximidades do rio, ouviu gritos, xingamentos, como se alguém estivesse a discutir e vinha a correr. Canana reduziu os passos, mirou mais para baixo, conseguindo finalmente visualizar e reconhecer a pessoa. Dona Teresa, a vizinha da casa ao lado, disparava e avançava languidamente em sua direção.

— Socorro! Socorro!

Por pouco a moça esbarrava-se nele, o caçador teve de afastar-se um pouco mais, enfiando-se nos arbustos daquele estreitamento.

— *Songa dieeee!* Eu não devo nada a ninguém! Sou trabalhadora e filha da minha mãe! Se te mandaram, diz que não me encontre! — A voz saiu num tom soberbo, uma mistura de medo e audácia, algo assim.

Kongo correu alguns metros, recuando do perigo — algo instintivo —, porém, queria perceber por quê fugia ela.

— Mana Teté, qual é o problema? — indagou, levantando os braços em protesto.

Teresa não abrandou, respondeu enquanto corria, não fora uma simples resposta, emitira uma ordem para que o menino recuasse: — Foge menino! É dikixi!... *Ó ié wandala kufua?*

O Caçador não se mexeu, deixou-se imóvel e em silêncio, continuou a marcha ou retorno?, falava em pensamentos, mas depois perguntou-se entretendes:

— Dikixi?! Como assim Dikixi?

1 - MUDANÇAS

— Guida, estive a pensar seriamente e cheguei a conclusão que devemos partir, precisamos procurar terras melhores, onde há muito cultivo, terra fértil e que tenha bastante comida.

Naquela manhã tudo se fazia cinzento, até o estado de espírito do mais-velho Firmino que já tinha excedido os seus níveis de aborrecimento em relação a vida naquela pequena aldeia, situada no município de Katchiungo. Conversava com a esposa, Margarida, que também partilhava da mesma opinião, mas achava-se séptica para com o desejo exposto pelo patriarca, pois, conforme estavam as condições do país, não tinham muitas alternativas.

— Mas ó marido, vamos para onde? — a velhota amarrava o seu tradicional pano colorido à cintura, preparava-se para descair ao chafariz do povo para acarretar água, recostou-se um pouco mais ao esposo, oferecendo-lhe toda a atenção — Tenho ouvido as notícias das aldeias mais próximas daqui, acredito que todos temos, há seca em todo o lugar.

— Não posso deixar os meus filhos neste sofrimento. Vamos para o Norte! — O tom de voz do chefe da família saiu mais agudo, denotando firmeza e determinação. — Desde os tempos antigos, que nos chegam rumores de que ali nunca foram afectados pelas secas e as terras são muito boas para o cultivo.

— E como vamos chegar lá? Andar a pé, acompanhados pelos nossos filhos nestas matas cheias de minas e de bichos?

— Seguimos o asfalto e fazemos paragens nas localidades, até encontrarmos um lugar melhor. Lembra-te do mano Chipenda que levou a família a Malanje, no ano passado? Eles nunca mais pensaram em voltar e sabes bem que eles foram mesmo a pé. Faremos exactamente o mesmo, se eles conseguiram, nós também conseguiremos.

[...]

Canana tinha apenas sete anos, quando ele e a sua família se viram obrigados a deixar a terra natal à procura de melhores condições de vida. A sua família carregava apenas pequenos embrulhos com mudas de roupas e alguns materiais de necessidade imediata, munidos de experiência na agricultura e nos trabalhos do campo. Nesta jornada, foram viajando por várias localidades para conseguirem algum lugar atractivo e receptivo, onde pudessem acomodar-se e sustentar-se através da prestação de serviço na área de cultivo do campo.

Naquela altura, as culturas de terras eram debilitadas lá no sul de Angola, propriamente na aldeia de Kachiungo, ali na província do Huambo, a antiga Nova Lisboa. A seca assolava em grande escala e, por essa razão, parte dos habitantes estavam a mudar-se para outras regiões cujo clima era bom para as culturas de campo. Havia outros problemas. O país estava a sair de uma Guerra Civil que durou quase trinta anos, sendo a parte sul a que mais intensidade sofreu com esse fenómeno: várias famílias perderam os seus entes queridos, milhares de pessoas foram mortas ou mutiladas, coisas da guerra; vilas, cidades, famílias, fauna, flora, mantimentos destruídos, deixando as crianças órfãs e as esposas sem os seus parceiros, porque muitos deles são recrutados para a guerrilha... A guerra é cruel!

Ao deixarem as suas localidades, os camponeses levam roupas, sementes de mandioca, *muteta*¹, feijão-verde, milho, masambala e tantas outras espécies de legumes, frutos ou sementes que pudessem fazer a diferença nos locais onde fossem.

— Preparem mantimentos que chegue. Lembrem-se, vamos numa viagem sem volta e, algumas vezes, andaremos por longas horas sem encontrar uma única comunidade — recomendou Firmino à família, antes de partirem, preparando-os para o pior naquela odisséia. — Água, levem bastante água, cada um com o seu cantil, os mais pequenos levem essas cabaças pequenas que estão ali na cozinha.

E, no dia seguinte despediram-se das poucas pessoas de que detinham uma estreita relação (vizinhos e familiares), e par-

¹ Semente de abóbora.

tiram. Ao longo da jornada, algumas de suas paragens duravam dias até encontrarem a próxima comunidade, outras nem por isso. O líder da expedição, fazia contactos sobre possíveis biscafes a fim de conseguir pagamento para suprir as necessidades do seu agregado. Algumas vezes, conseguiam alguma coisa, algumas fazendas para trabalhar, um punhado de terra, o suficiente para gerar alguma renda e pagar o mantimento. Uma ou outra vez, tinham de passar às noites nos jangos locais, nas Paróquias e, outros dias, com um pouco mais de sorte, os seus senhorios os deixavam ficar na casa de passagem, por algum tempo, até que o período de contrato de prestação de serviço cessasse.

Quando nenhuma das opções fosse possível, quando a travessia entre duas localidades era mais longa, dormitavam mesmo ao relento, no meio do mato. Precisavam de dias para fazer a travessia entre matos, picadas e remotos caminhos. Então, eles eram obrigados a passar às noites nos bosques, enfiados nas grutas de pedras ou densos arbustos, debaixo dos gritos dos bichos que ecoavam dispersos e provocavam um pequeno terror aos menos crescidos.

Era sempre necessário destacar alguém de plantão, durante a noite, para vigiar o perímetro e manter a segurança da família, enquanto outros dormiam. Faziam-se trocas de turnos, como os soldados dos exércitos fazem no campo de guerra.

As noites pareciam mais longas, o luar aparecia e envolvia o ambiente com uma clareira que se espalhava até nas grutas mais fechadas. Podia-se ver os bichos a grandes distâncias do acampamento a festejarem. As borboletas também aproveitavam a noite para brotar o seu charme, viam-se em várias cores, formando padrões e figuras ordenadas. Pareciam movimentos combinados. Algumas eram brilhantes e, pelos vistos, só saíam à noite para suplantar a vaidade. Eram livres, leves e soltas, pois faziam tudo o que quisessem e, até, podiam ficar ali a noite inteira.

Os cantos das aves de várias tonalidades ecoavam e fundiam-se no negrume da noite. Afinal, o universo não dorme, dizia o velho Firmino sempre que vislumbrava o horizonte à volta e enxergava aquela maravilha arquitectada pelo mais apurado dos mestres. Era a magia das noites de Verão e cada membro

da família que estivesse de plantão, era brindado com um multiverso daquelas diversões. A caminhada poderia ganhar vários títulos se fosse num conto. Nem tudo era mau na aventura. Algumas vezes, podiam se desligar do cansaço, da sofreguidão no corpo por andar horas a fio, justamente pela beleza da natureza.

— Vejam o céu totalmente azul, azul e brilhante, com a luz do luar. Olhem as estrelas, ali, aquela deve ser a cadente tão fulminante, tão bonita vendo daqui assim! — Firmino Vitangi, admirado, não escondia a emoção diante dos filhos, enquanto sentavam no *sungi*, à volta da fogueira num dos bosques já longe de Katchiungo, dias depois de terem partido — *Upange wa suku!* — Elogiava e aplaudia as maravilhas da natureza feitas pelo Altíssimo, Nzambi.

O modelo de pagamento pelos biscatos conseguidos nas comunidades que alcançavam, era variável, algumas vezes, podiam receber em dinheiro, isto é, em kwanzas reajustados. Outras vezes, pagos com mantimentos alimentares juntamente com dormitório e cobertores quentes para os filhos. Após o fim do contrato de trabalho, quando chegava novamente a escassez, o *kota* traçava um plano renovado de viagem e partiam para o alargamento da aventura. Voltar para Katchiungo mediante as dificuldades que encontravam? Isso nunca chegou a fazer parte da equação do líder, que doravante sentava com a família e os preparava para tudo o que estava por vir. Firmino sempre mantinha o discurso de esperança, sempre alegava que os dias melhores viriam e que a dada altura encontrariam um lugar com todo o potencial para uma vida próspera e segura.

Havia escassez de meios de transportes e as vias de mobilidade automóveis estavam obstruídas, consequências da guerra. Firmino viajava a pé de localidade em localidade, junto da família. Algumas vezes, por sorte, eram transportados no *monangambe* por alguns camiões do PAM² que se dirigiam à aldeia mais próxima. A família carregava *kinjango*, *kanjavite*, *ditemu* e outros utensílios para servir de arma e protegerem-se de qualquer perigo durante a caminhada (principalmente dos ataques de animais ferozes).

² Programa Alimentar Mundial,

O velho levava consigo os seus outros cinco filhos, no total, duas meninas e quatro rapazes, Lusanse tinha nove anos, Ernesto tinha dez, Segunda catorze e as meninas, Lucinda de doze e Josefina com dezasseis anos. O Patriarca aparentava ter pelo menos quarenta anos. Contudo, as rugas faziam-lhe parecer dez anos mais-velho, fruto da vida precária e do trabalho forçado, que praticava há anos para manter a família.

Margarida, a esposa, aparentava ser mais-velha, mas era a mais nova entre o casal, porém o seu *modus vivendi*, as tarefas de mãe, levaram-na a envelhecer de forma precoce. A senhora havia gerado nove filhos, seis dos quais estavam vivos. Tia Guida, como era carinhosamente chamada na sua aldeia, era uma *kota* de sorriso aberto e agradável, expressão receptiva, respeitosa e de boas maneiras. Pelo seu jeito, veio de uma família muito humilde. Estava sempre com aquele sorriso magistral pendurado no rosto, não importava o momento que estivesse a atravessar.

— *Walale! Wosala!* — Ouvia-se a saudação da *kota* por onde passava, alegrando o dia das pessoas com a sua bondade e humildade.

Canana era o mais novo dos irmãos, o famoso caçula e a Josefina, a mais-velha e também a mais sacrificada, viu-se forçada a abraçar responsabilidades maiores desde muito cedo, cuidando dos irmãos e das lidas da casa na ausência da mãe. Pode-se dizer que ela não teve aproveitamento de sua infância, dos jogos de “bica-bidom” e nem das brincadeiras tão concorridas pelos meninos da sua infância na altura: o jogo da buraca, o esconde-esconde, o salto na corda, trinta-cinco-vitória, entre outros. Enquanto os meninos de sua idade estavam cercados de diversões, ela estava cheia de tarefas. Incansável, sempre esteve pronta para ajudar a mãe, sem reclamar. Também era a mais reservada entre os filhos do *kota* Firmino, estava sempre quieta, recolhida no seu canto, com o semblante sério, quase nunca ria, mas sempre dizia para a mãe, que a repudiava algumas vezes, que era o seu jeito de ser. Mãe, eu sou feliz desse jeito, do meu jeito, dizia.

Por outro lado, aos cinco anos, já era notável a audácia de seu irmão menor. Naquela idade, Canana já fazia tudo o que os seus manos faziam, ao menos tentava, seguia os mesmos ca-

minhos, mesmo quando tais atalhos davam à selva onde havia vários bichos, onde as crianças de sua idade evitavam chegar por causa do medo. Os seus irmãos ficavam perplexos, inúmeras vezes comentavam a bravura do pequenino.

— A coragem nasceu com ele, esse não teme nada, *baka!*
 — Não, ele é quem inventou a coragem, é demais, ovejé! —
 riam-se em gesto de provocação.

*

Lucala foi uma das localidades onde Firmino e a família acamparam por algum tempo, quase nove meses se tinham passado desde o afastamento da terra natal. A família havia conseguido uma boa proposta de trabalho na comunidade. Naquela pequena região, vivia o Zezé, detentor de uma roça grande, onde havia cultivos de hortícolas, cana-de-açúcar e um vasto hectare de ananases. Cuidavam de gados caprinos e suínos também. Depois de relatos, o *kota* foi ter com aquele senhorio e conseguiu o emprego por trinta dias, com direito a moradia para a família por aquele período e uma promessa de pagamento no final, equivalente a alguns milhares de kwanzas reajustados. Pode-se dizer que Firmino também era dotado de boas capacidades de negociação e persuasão, a sua 3ª classe, feita no tempo do colono português, tinha-lhe proporcionado algumas valências.

Passado algum tempo, tudo corria de forma plausível, mais do que haviam imaginado. O trabalho ia bem e, à sua família, não faltava o necessário naquela altura. Tal como o líder da família previra, finalmente estavam seguros. Havia encontrado o paraíso que sonharam, diga-se. Porém, entre os seus colegas de trabalho, na roça, havia um idoso, a quem o bairro inteiro chamava de *Kota* Mulóji. Ninguém podia meter-se com ele. Um velho bravíssimo, sombrio, andava sempre com o rosto amarrado, odiava tudo e todos na vizinhança, inclusive o coitado do Zezé ou Zé *Dyamwenge* (como era carinhosamente chamado, porque fez a sua fortuna na produção de cana-de-açúcar). Como patrão perdera a sua autoridade sobre aquele velhote, não podia desfazer-se dele, por mais que o quisesse (era sonho de todos verem-se livres daquele velho que parecia imortal e invencível), isso porque, para além de desejar continuar

o seu negócio próspero, queria viver mais tempo. A regra naquela localidade para quem desejasse vida longa e pacífica era: não cruze o caminho de Mulóji, não interfira nas suas vontades mesmo que de forma inocente.

II - KOTA MULÓJI

MULÓJI NASCEU E CRESCEU EM LUCALA, uma das vilas da província de Kwanza Norte. Depois de adulto, tornou-se caçador e kimbanda, o único da aldeia, e até então questiona-se se ele é realmente um simples curandeiro ou se desempenha duas funções no lado do misticismo. Tudo indica que o kota actua mais no lado do mal. Consta no seu curriculum que chegou também a ser o conselheiro do soba, já depois da idade idosa. Esse *kota* sacrificou toda a sua linhagem familiar na *makumba*, até a esposa e os dois filhos não foram poupados. Pode-se ouvir da boca de um ou outro cidadão quando o vêem a atravessar a avenida.

Mulóji teve que fazer estes sacrifícios, estes e outros mais sinistros, porque os seus magos diziam que se assim o procedesse, viveria para sempre. É o que ele diz para si mesmo quando está isolado no seu canto, a meditar a sua trajectória, um percurso que muito se orgulha, mas que custou sangue do seu próprio sangue e o atirou para a extrema solidão. Para saborear o manjar da eternidade, tinha que exterminar a família. Daí a fama de ele ser imortal.

Mulóji não era um mendigo, parecia até são, mas ninguém, jamais, podia encontrar um membro de sua família vivo para contar história. Ele não tinha sequer um amigo achegado. Havia um ou outro menino que o ajudava a fazer algumas coisas em casa, como trazer a *macrueira*³ ou procurar lenhas para foguear. O *kota* era um super-soldado da solidão. O mínimo que alguém podia fazer, era encontrá-lo a entoar os seus cânticos de caças, enquanto trabalhava na lavra. Coisa que ele fazia com frequência e adorava cantarolar, canções em Kimbundu, na sua maioria de caça.

— *Kongo, ujiba nzamba* — um verdadeiro caçador tem de matar um elefante, dizia um trecho da sua canção favorita. Todos conheciam aquele verso carregado de enigmas.

³ Bombó

Os populares temiam aquele *kota*, até os kimbada de outras localidades sabiam da sua fama e temiam as suas façanhas. Usava sempre as mesmas vestes; um fato preto espatifado, muito espatifado, uma sandália de borracha feita de carcaça de pneus e um chapéu de bordão à moda tradicional que também era muito velho.

— Mas qual é o problema deste velho então? Não toma banho, sequer escova os dentes!

— Será que ele tem noção que cheira muito mal?

— Eu acho que sabe, se calhar faz parte dos rituais macabros que ele faz. Não se pode esperar muito de um endemoniado, vai ver que lhe proibiram banhar! — Comentava-se no bairro.

Cada pessoa na comunidade conspirava contra ele, mesmo que de forma silenciosa. Era insuportável o bafo que deixava, sempre que estivesse a passar, mas ninguém ousava em fazer um “pio” troçando sobre Mulóji, quando estivesse por perto.

O kimbanda vivia numa kubata de adobe e capim, um pouco isolado da comunidade e fazia várias terapias de cura para inúmeras doenças e assombrações. Alguns recorriam aos seus serviços, quando se sentiam assombrados ou desgraçados. Outros faziam-no, quando estivessem agonizados de dores e a tentativa por curas modernas não trouxesse soluções rápidas, ou não lhes oferecesse esperanças de melhorias.

O *kota* utilizava plantas típicas locais que considerava propícias para fazer *milongo*. Usava raízes de árvores e trepadeiras, pedaços de partes de animais, *maji mamboma*⁴, *mandende*⁵, *maditatu*⁶, para friccionar a pele, no tratamento de *jiba* ou dores no peito, medicamentos para tratamento de *makulo*, e produtos de curar outras doenças. Em suma, diziam que ele tratava todo o tipo de enfermidades, para além de eliminar qualquer pessoa, caso alguém o desejasse. Mulóji derrubava os seus inimigos sem pestanejar e, por essa razão, era expressamente proibido ter litígios com aquele ancião, que não dava nenhum espaço para uma disputa de senso de humor.

4 Óleo de jibóia.

5 Óleo de dendém.

6 Óleo de crocodilo.

O velho fazia uma das melhores armadilhas no bairro, agarrava todo o tipo de bicho, até os maiores. Alguns diziam que apanhava tudo aquilo por via da *wanga*, mas o facto é que nunca lhe faltava carne para comer. Muitas vezes, contava com a ajuda dos jovens para buscar as vítimas nas armadilhas, pois eram muito grandes e ele não as podia carregar sozinho. Mulóji era um faz-tudo, era camponês e, para além das plantações nas suas lavras, também trabalhava para ganhar dinheiro. Uma parte do dinheiro que ganhava na roça usava para consumo e a outra parte, ressarcia os prestadores de serviços da sua pequena lavra.

Desconfia-se que Mulóji era a segunda pessoa mais afortunada de Lucala, pois tinha fonte de todos os lugares. Ainda assim, isso não mudava nada no seu estilo de vida, nem roupa comprava e passava anos e anos na mesma *kubata*. Podia-se dizer que o mesmo vivia uma vida absurda.

Outros populares diziam que ele trabalhava na roça só por diversão, sendo que já não tinha forças para tantos ofícios, sequer precisava trabalhar tanto. Não tinha nenhum herdeiro que pudesse ficar com os seus bens, caso batesse a caçoleta para o pós-vida. Caso fosse provado finalmente que ele não era imortal.

— Os magos daquele vovô Mulóji alimentam-se de todo o seu rendimento nas noites de lua cheia!

— Será que este mais-velho tem algum sonho, alguma pretensão de construir qualquer legado ou só vive mesmo por viver?

Os populares mais atentos faziam inúmeros questionamentos sobre ele, mas em segredo. Nenhum morador ousava furtar uma única papaia na lavra do Mulóji, nem mesmo as frutas que já tivessem caído das árvores, e olhe que não eram poucas! Na sua safra, havia mangas, figos, cajus, laranjas, tangerinas e limões. No passado, muitas crianças perderam as suas vidas, por terem furtado algum artigo na propriedade daquele vovô, inclusive alguns adultos. Após subtrair um artigo, a criança apanhava uma crise qualquer e perecia. Então, cada família proibía os seus membros de se aproximarem das colheitas do velho Mulóji e as mortes repentinas desapareceram. Para Mu-

lóji, era preferível que a comida se estragasse na lavra, do que alguém que não fosse o próprio fizesse usufruto.

Algumas vezes, o velho oferecia comida a uma ou outra pessoa na comunidade. Quando isso acontecesse, não havia nenhum perigo — alegavam os moradores mais antigos da aldeia —, apesar de que muitos se negavam a receber qualquer oferta do kimbanda, principalmente os que eram novos no bairro. Outros recebiam, mas não a consumiam. A ideia que pairava no ar era que, tudo o que o velho oferecia, estava banhado de feitiçaria e que, logo pelo meio da noite, poderia passar e pegar um membro da família, para entregar a sua alma como oferenda aos magos em troca do presente.

O *kota* trabalhava na roça fazia cinco anos. Ele já estava debilitado e não rendia mais nada. Ainda assim, Zé pagava-lhe o mesmo valor e nem o podia demitir, com receio de ser enfeitiçado. Mesmo quando faltava (e não faltava pouco), não podia ser descontado. Houve uma única vez em que o patrão lhe descontou cinco das dez faltas registadas durante um determinado mês. No dia seguinte, Zé perdeu cinco cabritos, cinco porcos e a mesma quantidade de laranjeiras estavam secas, sem nenhuma explicação natural, nem vestígios de alguma catástrofe. Terá sido coincidência?

No mesmo dia, Zezé pegou a parte que havia descontado ao velhote e foi até a sua kubata, pediu perdão, entregando de multa cinco litros de *malavu*. O *kota*, ainda chegou a fingir que não era o responsável por aquelas desgraças, mas não negou a oferenda.

— Eu não tive nada a ver com essas desgraças, meu bom patrão — disse o velho, com a voz áspera, carregado de ironia — Não sou assim tão mau, conforme vocês todos pensam, não sou o diabo de Lucala! — acrescentou.

— Tio Mulóji, considere como um presente, pelo tempo de trabalho e dedicação. Gosto muito do seu trabalho.

O patrão foi embora, desde então, nunca mais se envolveu em sarilhos com o velho Mulóji, o mago de Lucala.

Por algum motivo, Mulóji não recebeu bem a contratação de Firmino. Ninguém chegou a entender as razões. Uns diziam que era pelo facto do Zé os ter hospedado na melhor casa de

passagem que havia na roça, talvez tivesse preferido que o convite fosse para ele. Arranjava sempre contendias com ele, às vezes por coisitas banais.

— É invejoso!

Eram só especulações de todo o tipo, ninguém chegou a provar a teoria. Os populares não perdoavam, acusavam-no de tudo o que é negro e chamavam-lhe todos os nomes. Uns alegavam que era o incidente que ocorreu após noventa dias da chegada do *kota* Firmino naquela localidade, em que Mulóji teve a audácia de pedir a mão da filha mais-velha, sem, no entanto, ter tido êxito.

— Com todo o respeito que tenho por ti, mano Mulóji, não aceito esta oferta! A minha filha é nova e merece alguém que esteja na sua faixa etária — respondeu com educação e cordialidade o velho Firmino.

O velhote nunca tinha se interessado por outra mulher desde o falecimento de sua esposa. As bocas do povo diziam que o mesmo almejava outra vítima para servir de sacrifício, sendo que nos últimos anos, nem mais as suas famosas curas resultavam e ele estava a enfraquecer. Um outro motivo que fez o Mulóji odiar a família do velho Firmino foi o de terem conseguido estender o prazo de contrato para um ano de trabalho, equivalente a um ano de estadia naquela roça, um longo ano que tinha por aturar o seu novo inimigo, isso o deixou enfurecido.

Depois de algum tempo, começou o drama da família Firmino. Volta e meia, os filhos e a esposa estavam adoentados. Se não acontecia com um, era com outro. Parecia que a legião de todos os *nganga* da comunidade estavam revoltados com a sua família. Os conselhos que buscava, recomendavam-no a abandonar o bairro o mais rapidamente possível, mas ele sabia que aquela oferta não conseguiria noutro lugar. Então, tentava aturar até onde podia. Todos os dias, a sua missão era manter os seus olhos e os da sua família afastados daquele velho, o que era difícil, pois eles trabalhavam na mesma roça e isso implicava encontros diários.

Os filhos de Firmino fugiam quando se deparavam com o mago de Lucala (o dono da noite, dos infernos todos con-

jurados), não o conseguiam encarar mediante a má fama que detinha na comunidade, excepto o pequeno Canana, que pese embora fosse o menor, mantinha a sua marcha na normalidade mesmo quando se esbarrava com ele. O *kandengue* era o único membro da família que não teve nenhuma recaída, nem de doença ou outro mal-estar, enquanto permaneciam ali, ao contrário dos outros que se queixavam frequentemente. Canana não fazia frente ao velhote e primava por suas tarefas, arrumava pequenas armadilhas e apanhava ratos e esquilos para a refeição da família. Todavia, encorajava os seus irmãos a não fugirem do Mulóji. Na teoria do mais pequeno entre os irmãos (um pequeno grande, porque em assuntos que pregavam terror, ele se mostrava incrivelmente o mais audaz), o *kota* não fazia mal a ninguém, tudo o que se dizia não passava de calúnia e difamação. Com apenas sete anitos já tinha a astúcia de um adulto. Os irmãos apelidaram-no de Pequeno *Ngapa*, pois era o único que podia vaguear na selva sozinho, mesmo depois do sol se pôr, o único que não se metia em debandada nos encontros solitários com o ancião mais poderoso da banda.

Numa bela noite, céu limpo, lua cheia, clima que animava as crianças, os filhos de Firmino Vitangi (todos eles, excepto a Josefina), estavam na rua com os amigos, brincavam de “bica-bidom”. A regra daquele jogo era simples, faziam um tipo de rifa ou até mesmo por indicação e a pessoa menos sortuda ficava a tomar conta de um bidão. Este era colocado no centro da rua, um lugar visível. Os restantes escondiam-se. Ao responsável pelo bidão eram confiadas duas simples tarefas: procurar os amigos escondidos e impedir que os que ainda não foram descobertos dessem um pontapé ao bidão. Caso alguém pontapeasse o vaso, aproveitando-se da sua distração, ressaltaria quem já tinha sido descoberto. Os que fossem expostos, estavam fora do jogo e o primeiro da lista tomaria conta do bidão na ronda seguinte.

Canana, de todos os lugares no mundo para se esconder, podia mudar de continente ou de planeta, esconder-se na Lua ou no Sol, ou então em qualquer lugar da superfície territorial angolana que é vasta, afinal, Angola é um país grande e belo

(ensina-se desde a 4.^a classe), o pequenino foi abrigar-se, justamente, na kubata do tão temido mago, *kota* Mulóji.

Todos haviam sido descobertos dos esconderijos, excepto Canana que se mantinha naquela kubata sombria intacto, sem sequer pestanejar, tudo para não ser descoberto pelo menino que segurava o vaso, nem pelo dono da casa. O responsável pelo bidão procurou por longas horas, porém, sem sucesso. Chegou um determinado momento, teve que retirar o objecto do centro e ia vasculhando cada esquina. Os que já haviam sido apontados, também decepcionados e impacientes, ingressaram na empreitada, pois estavam tão aborrecidos, que já não achavam piada nenhuma a primeira partida que demorava tempo demais.

— Canana! Canana! Canana! Apareça, vamos acabar com isso! — gritavam todos.

Queriam fechar aquele primeiro ciclo, estavam ansiosos para voltar outra vez aos esconderijos. Já não havia alternativa, cada um deles alistou-se nas buscas do último membro em combate. Depois dos esconderijos habituais, procuraram de casa em casa, lá nos arredores. Meio que seguraram o bairro e viraram-no de cabeça para baixo, a ver se o suspeito caía. Mesmo assim, depois de mais de quase duas horas de espera... Nada!

O que era brincadeira tornou-se num embaraço dos grandes. Os *makota* do bairro aperceberam-se do desaparecimento do *kandengue*. Os pais de Canana e os seus vizinhos começaram a procurar também, foram vasculhando cada celeiro, cada kubata e cada bosque lá nos arredores. Outros estenderam as buscas nas matas, um pouco mais longe. Os irmãos estavam em sarilhos, afinal, eles eram os mais crescidos, deveriam ser responsáveis por ele.

Toda a família andava à procura dele, alguns de pés descalços, com duas latas nas mãos, batiam uma na outra emitindo sinais. Era o costume na aldeia, uma espécie de código quando uma criança perdia, para ser encontrada rapidamente, os familiares tinham de procurá-la descalços (diz-se que dá sorte). As latas eram uma forma de despertar a vizinhança sobre o sucedido, era como se o comunicado viesse de um megafone.

Canana levava qualquer coisa até ao extremo, ele ouvia o bairro todo a gritar pelo seu nome, mas permanecia em silêncio total.

— Vamos dar-lhe uma boa sova, essa falta de responsabilidade dele chegou longe de mais! — bradavam os irmãos completamente revoltados.

— Mas quem te mandou lhe trazer na brincadeira? — questionou Segunda.

— E quem podia adivinhar que ele nos faria passar por isso? — retorquiu Lusance, os dois já tinham andado bastante, estavam no bairro adjacente e doravante perguntavam pelo irmão, explicavam as vestes e a estatura. Ninguém viu, ninguém ouviu.

Fizeram as buscas todas e em todos os lugares, obviamente ninguém cogitou em bater à porta de Mulóji àquela hora, não importava as circunstâncias, aquilo era impensável. Ali nas proximidades fora a única residência que não tinha sido examinada.

— Talvez tenha sido caçado pelos *nganga* dessa nossa banda! Ou meteu-se no capim e foi comido por um bicho gigante? — indagavam e especulavam os reis das fofocas.

*

Canana despertou de uma breve soneca na kubata do *kota Mulóji*. Ergueu o fino rosto para cima, espreguiçou-se à vontade como se estivesse na própria casa, tinha mesmo esquecido que não estava. Porém, quando se voltou para o lado contrário, deu de cara com o Mulóji, o terror do bairro. O velho, com o seu enorme cachimbo de *makanha* na boca, cheio de fumaça, a *pamba* na mão direita segurada com firmeza, fuzilava com o olhar espantado o *ngadyama* em seus aposentos.

— *Sagana!* — O *kota* bradou, depois, de um longo trago no cachimbo e espalhou a fumaça no céu da casa.

III - MAUINDO

KOTA MULÓJI NÃO LEVAVA desaforos para casa, levantou a *pamba* de apoio que tinha na mão direita e tentou enfiar um golpe ao intruso que tinha invadido a sua kubata. O menino, com o pragmatismo que lhe é característico, conseguiu escapar e abrigar-se noutro lado da mesa. Foi um movimento rápido e mediático, a *pamba* atingiu o mocho de madeira que se encontrava bem ao lado dele, se o tivesse atingido daquele jeito, de tão violento que soou, teria sido um desastre. Canana deu um grito, um chamado, invocando o nome do pai. Velho Masoxi, o vizinho, amigo do *kota* Firmino que também estava a ajudar nas buscas e naquele momento passava mesmo ali perto da residência do Mulóji, ouviu o grito de agonia e, mesmo sem ter a certeza se era exactamente o Canana, foi imediatamente buscar reforços.

— *Tchapalama!* — bradou Firmino, logo que tomou conhecimento da desgraça que o filho lhe tinha acabado de arranjar. Justamente na casa daquele *ngapa*?

Não tardou, havia um aglomerado de gente na porta do velho Mulóji. Pais, irmãos do menino e outros vizinhos apinhara-se ali na casa do mago. A multidão, em gritos estridentes, exigia que o velhote abrisse a porta e liberasse o *kandengue* são e salvo, caso contrário arrombariam a mesma e infringir-lhe-iam uma bela sova.

— Se ele tocar no miúdo, vamos *encher-lhe* de *kibeto!* — prometiam.

Mulóji deixou de empunhar o adereço sobre o menino, respirou fundo, fazia um enorme esforço para controlar a ira. Afastou-se um pouco mais para trás, fuzilou cruelmente o rapaz com aquele olhar de ódio e, por fim, exigiu que o mesmo explicasse a razão de invadir os seus aposentos.

— Nu gosta que me faz de palhaço, *wewu*? Vais vuere só, sagana di merda! O que tás a fazê aqui, o meu casa é do tua pai?

— Estamos a jogar bica-bidom! Não estou aqui para roubar nada! Perdão, avô Mulóji! Perdão, nunca mais faço isso.

O ancião fitou o menino que quase chorava a implorar por perdão, desta vez com um olhar inerte. Abanou a cabeça negativamente, percebeu, eram apenas crianças, astúcias de crianças e decidiu então dar uma trégua. Avançou até a porta, abriu-a devagarinho para que o intruso seguisse para onde pertence. A pressão fora persistia, havia gritos, abruptos batimentos, como se quisessem mesmo entrar e arrastar o velho para fora, mas não avançaram além da porta. Quem ousaria?

Após deixar a criança sair, o velho alertou à família que o castigo dele viria qualquer dia desses. Mulóji ofegava enquanto falava exaltado, via-se a ira no seu rosto negro e enrugado.

— Ouve aqui, velho bruxo! Não lhe vais fazer nada, aviso já, não lhe vais fazer nada! Se acontecer qualquer coisa ao meu filho, serás responsabilizado! — disse Firmino.

— É melhor que essa cena vergonhosa fique enterrada aqui, senão viremos novamente!

Os familiares de Canana, movidos pelo calor do momento faziam promessas e cuspiam vários nomes no confronto. No desespero, todo mundo perde a cautela e o medo.

O velhote voltou a cerrar a porta, deixando todos lá fora. Avançou até a mesa e sentou-se no mocho. Voltou a recuperar o cachimbo e continuou a fumar. Essa gente não sabe do que eu sou capa, pensou.

Após alguns minutos de euforia no quintal, aquela família abandonou o casebre do velho. Canana estava metido em sarilhos, nos dias que se seguiram, nem podia ausentar-se de casa, quando precisasse fazê-lo era sempre sobre o olhar atento do irmão mais-velho, instruções rigorosas da kota Margarida.

Parecia que tudo havia voltado à rotina habitual na vida da família de Canana, porém, cinco dias depois daquele advento, de madrugada, a filha mais-velha do Firmino pereceu de morte súbita. A Lucinda tencionava acordá-la, queria companhia até à latrina, mas esta notou que por mais que chamasse, a mana não respondia e nem se mexia.

— Fina! Fina! Acorda! — gritava, estremeendo a irmã com toda a força que conseguia, de nada servia. Os pais e o res-

to da família acordaram e levaram-na ao centro de saúde local, para ver se a reanimavam, mas não tiveram sucesso! Apesar de várias tentativas, a menina foi declarada morta uma hora depois, deixando o bairro todo em choque.

— Só pode ser o velho Mulóji! Assim mesmo é raiva só porque aquele miúdo foi a casa dele?

Os vizinhos cochichavam em segredos. O kimbanda tornou-se o principal suspeito de ceifar a vida de Josefina, justamente porque associaram o infortúnio ao advento mais recente com o menino na sua nobre kubata.

— Velho sem coração. É mesmo ele, não pode ser outra coisa, uma menina que ainda não viveu nada morre assim à toa? Nada! Assim é mais uma para trabalhar às noites na lavra dele!

Os mais corajosos murmuravam quando avistavam o velhote, mas de forma subtil, o *kota* não podia ouvir. Ai de quem ousasse confrontá-lo!

A velha Margarida estava transtornada, havia perdido o seu bem mais precioso entre os filhos, Josefina, a segunda mãe em casa da família. A mãe chorou três dias sem parar e sem comer, passava às noites a entoar cânticos de amargura no seu idioma materno, questionava a partida repentina da filha. A *kota* desejava que Josefina tivesse tempo de ouvir os seus agradecimentos por tudo quanto havia feito como filha. Eram tantas palavras dedicadas ao amor que sentia por ela que, decerto, aquela dor seria irreparável! Quem passasse por ali, via a velha rodando em círculos, em cânticos de tristeza, com panos amarrados à cintura e à cabeça. Quem dera a morte avisasse, quem dera pudesse a Josefina tecer algumas palavras antes de partir.

Toda a família foi afectada, inclusive o mais pequeno, este andava cabisbaixo, sentia-se particularmente responsável pela morte da irmã por tudo o que acontecera naquela kubata. Se naquela maldita noite não se escondesse *mualunga*, teria evitado que aquela desgraça assolasse a sua família.

— *A suku yange we! A suku yange we! A suku yange we!* — Meu Deus! traduzia um trecho do canto entoado pela velha Margarida, enquanto rodopiava em círculos, com os pés já inchados de cansaço, mas a maior dor é aquela que nos rasga o

peito, a dor da perda de quem amamos e do vazio infinito que nos deixa.

A desgraça havia arrasado a família de Canana. Firmino tinha chegado à conclusão que não se podia manter naquele lugar. Não queria arriscar a vida de mais um membro do seu agregado. Praguejou-se por não ter tomado aquela decisão mais cedo. Tinham decidido não confrontar o velho moribundo. Então, após o cortejo fúnebre, arrumaram os seus pertences e retomaram a viagem de destino incerto. Definitivamente, eles já não eram bem-vindos na aldeia de Lucala. Os problemas que haviam arranjado eram comparados ao *mauindo*⁷ nos pés, com sapato apertado. Foi um ano e meio que rapidamente se transformou no pior momento de suas vidas, coisas de que se irão lembrar, sempre, da pior maneira possível!

7 *Bitacaia, pulgas que se albergam na pele humana - Kimbundu*

IV - MUQUIAMA-SAMBA

FIRMINO E A SUA FAMÍLIA chegaram à aldeia de Muquiama-Samba, depois de terem passado algum tempo noutras comunidades. Tinha sido uma grande jornada desde Lucala. Os viajantes que já se tornavam cada vez mais nómadas, estiveram algum tempo em Ndalatando, Golungo Alto, Pango-Aluquem e culminaram na roça do Vale do Loma. Foi nestes pontos onde permaneceram por mais tempo, fizeram alguns contactos e desfrutaram da estadia.

A roça foi a que chamou mais atenção àquela família, principalmente às crianças, pelas suas poucas construções antigas deixadas pelo colono português. Havia nela uma velha catedral e um edifício adjacente de dois andares, estes eram as únicas obras daquela dimensão e características no local. Algumas poucas vivendas tinham paredes de mosaico e tintas brancas, embora muito velhas, cintilavam mesmo a grandes distâncias. E as construções características estavam todas num único corredor, de longe parecia um condomínio moderno. Como a roça situava-se num terreno mais abaixo, em comparação com outras aldeias situadas no cume dos montes ou em locais mais acima da superfície, era possível visualizar as referidas obras a quilómetros de distâncias. Chamavam sempre atenção a quem, de longe passasse, a beleza daquela velha roça salta à vista.

Ainda assim, Firmino sentiu que havia necessidade de deixar aquele lugar por mais belo que fosse. Era belo, mas beleza não anula a fome e a roça não era tão abundante em termos de cultivos. A terra era muito seca cheia de pedregulhos, dificultando a escavação. Precisava encontrar algo melhor, resolvendo então partir para a aldeia mais próxima.

Chegados a Muquiama-Samba, uma pequena comunidade antes dos Dembos, deram início a exploração de ofertas de trabalho e acomodação. Firmino ouvira falar daquela localidade quando estava na roça, tinha recebido referências positivas. Há muito trabalho, os residentes daquela comunidade trabalham

bastante, amam o serviço do campo e foram abençoados com terras muito férteis, diziam os populares da roça.

Não demorou muito até aquela família conseguir estabelecer-se na aldeia. Tinham comprovado as indicações, havia realmente muita oferta de trabalho e a própria comunidade era muito receptiva. Para a sorte dos Vitangi, já lá havia algumas kubata, reservadas aos visitantes, aposentos que foram construídos com o propósito de abrigar quem estivessem de passagem, missionários religiosos sobretudo. Firmino dirigiu-se ao Soba local e explicou as razões de sua estadia. Aquela conversa lhe rendeu um casebre para ficar com a família, embora de forma temporária.

— Podem ficar aqui nesta casa enquanto procuram por condições melhores. Há muito trabalho e poucos biscateiros cá na aldeia, mãos de obra são bem-vindas. Estes dias não são como antigamente — Explicou o soba, dando a conhecer as demandas de trabalho na aldeia —, há poucos emigrantes e o povo está a sofrer com as terras cheias de capim. Antigamente tinha aqui muita gente, na sua maioria vindas de Benguela, Huambo e Bié, temos aqui alguns que já constituíram família e tornaram-se donos de terras como qualquer nativo.

— Muito obrigado pela hospitalidade, senhor Soba. Nós faremos o nosso melhor para continuarmos a merecer a vossa boa confiança. Asseguro que gostamos muito de trabalhar e os meus filhos, até os mais pequenos, são muito prestativos.

— Muito bem, eu faço questão de indicá-los as primeiras portas a baterem. Conheço muito bem cada uma das famílias aqui na aldeia e as suas necessidades.

Firmino que abalava a cabeça enquanto ouvia, recebeu a notícia com muita satisfação, regozijava-o saber que não precisava procurar muito para conseguir trabalho.

As terras de Muquiama eram boas para o cultivo, tal como Firmino ouvira na roça. E terem chegado na época das chuvas constituiu uma enorme vantagem para a família do kota, a verdadeira era da plantação. O capim crescia em todos os lugares e invadia as culturas. Necessitava-se de muita gente para limpar e escavar a terra para novas sementes. As ofertas eram abundan-

tes, tanto que o kota podia optar por trabalhar cada dia com diferentes senhorios e ser pago por cada trabalho prestado.

Algumas famílias não eram tão extensas e, como se não bastasse, tinham grandes fazendas e sozinhas não conseguiam tomar conta da situação. Era preciso recorrer a aluguer de mão-de-obra para manter a safra. Os pagamentos eram feitos por diversas formas, na maior parte das vezes em forma de bens alimentares. Dinheiro sonante era escasso e mesmo que houvesse, não havia muitas opções de compras, podendo cada um economizar e viajar para grandes cidades, a fim de gastá-lo com roupas, peixe e sal. Ainda assim, a situação não era favorável para poder viajar até a cidade com único objectivo de fazer compras. Só os comerciantes faziam trajectos longos e esses levavam tais mercadorias, embora escassas e caríssimas. A grande guerra estava a cessar e as vias estavam péssimas para a transição natural de pessoas e bens.

Aquela aldeia não tinha muitos habitantes, havia pelo menos uma média de quatrocentas pessoas, na sua maioria adulta, com idade superior a cinquenta anos. A maior parte das famílias dedicava-se à agricultura e à caça furtiva. Cultivavam produtos diversos, desde mandioca, batata-doce, abóboras, cana-de-açúcar, milho e kinhame. Produziam também frutos variados como bananas, ananases, laranja, tangerina e goiaba. Tinha ainda, em abundância, alimentos que a própria natureza oferecia, havia maboque, cogumelos, folhas comestíveis de jindondo, nfumbwa e tantos outros.

O clima daquela região era perfeito para as culturas da terra, com uma temperatura que rondava entre os vinte a trinta e dois graus celsius, céu azul e limpo na maioria das duas estações “calor e cacimbo”, um luar completamente cheio e iluminado, fazendo com que as noites fossem mais longas e claras, perfeito para apreciar as nuvens e os seus convidados com um belo telescópio nas noites de lua cheia. Podia-se dizer que aquela localidade, era um *eldorado* pela sua riqueza e fartura, o local perfeito para a família do Firmino.

A maioria dos líderes de cada agregado praticavam a caça. Pelo menos três vezes por semana visitavam as suas armadilhas nas selvas, afastadas da aldeia, alguns até passavam noites. As

esposas levantavam cedo, tratavam dos trabalhos domésticos e da alimentação da família, junto dos seus filhos. Após o mata-bicho rumavam todos para as lavras.

Na época das aulas, os meninos seguiam às lavras somente no período da tarde ao encontro dos pais, ajudando a trabalhar o espaço da família. Os mais pequenos eram ensinados a tratar do campo desde muito cedo, os pequeninos de apenas oito anitos já fazem armadilhas para pequenos bichos, caçam passarinhos e aprendem outras inúmeras tarefas. Mesmo nas fazendas familiares, cada criança tinha o seu pedacinho, onde com a ajuda dos pais, plantavam pequenas sementes de acordo ao seu desejo. Era uma forma de prepará-los para o futuro.

Não faltava na aldeia as tão apreciadas bebidas alcoólicas tradicionais. Alguns faziam-nas à base de cana-de-açúcar, milho e água. Outros produziam o *malavu* da palmeira de dendém ou mesmo de bordão. O *malavu* — *marufu* para outras regiões — era o mais comum e o mais amado pelos verdadeiros consumidores de bebidas tradicionais. Havia também o hidromel, feito a partir do mel natural e milho fermentado, este, era muito consumido também.

O mel era ainda utilizado para adoçar o famoso mata-bicho. O mel e o sumo da cana-de-açúcar eram utilizados para adocicar os chás, os cafés e outras bebidas em substituição ao açúcar industrializado, era até muito mais saudável. Não havia indústrias locais de transformação, mas aquela comunidade, desenvolveu vários métodos e técnicas para manufacturar os produtos. Era comum, encontrar numa residência um utensílio para esparramar a cana-de-açúcar, outro para destilar bebidas alcoólicas ou ambos.

Firmino havia recebido uma carta do seu homólogo Masoxi, vindo de Lucala, justamente quando se encontravam no Golungo Alto. Havia passado dois meses, depois de terem abandonado aquela vila, provavelmente, fora o tempo que durara até velho Masoxi descobrir a nova morada do homólogo e tentar o primeiro contacto.

A missiva carregava votos de saudações e solicitava informações da jornada do amigo. Outro trecho do texto trouxe

literalmente uma boa nova e um alívio para aquela família, oferecendo conforto após a partida de Josefina.

“Meu bom amigo Firmino,

Tomei conhecimento da tua chegada ao Golungo, fiquei muito feliz que tenhas conseguido um lugar para acomodar a tua família. Não deixa de me escrever de volta, conta-me as boas novas. Eu cá tenho muito para contar, mas vou deixar as fofocas para a próxima carta, desta vez tenho um assunto mais importante e desconfio que te irá agradar. Espero. Olha, sobre aquele velho diabólico que até nem vou citar o nome, saibas que cinco dias após a vossa partida, ele apanhou uma crise, faleceu horas depois no centro de socorro. Antes mesmo de sucumbir, mandou-me chamar com urgência. Sacana de merda, tipo fui das confianças dele! Posto lá, eu já cheio de medo, quase a me mijar nas calças, afinal é para me confessar que os magos não haviam aceite a oferenda, que lhe tinham sido negada a alma da tua filha e, portanto, estava a ser castigado.

Eu queria escrever no mesmo dia, mas não sabia o teu paradeiro.

Bom, vou aguardar o teu sinal, depois conto mais detalhes.

Do teu bom amigo Masoxi.”

Firmino confirmou a assinatura autêntica do amigo, foi imediatamente anunciar a boa nova à família. Aquela carta trazia o karma que faltava àquele lar. Margarida, a esposa, depois de tomar conhecimento da situação, entoou vários cânticos no idioma umbundo e no fim proferiu uma breve oração: — Deus receba a minha filha e segure-a nos seus braços para que ela tenha paz.

*

No total foram dois anos, desde que haviam deixado Kachiungo à procura de melhores condições de vida. Firmino tinha construído a sua própria kubata de pau-a-pique e acomodou a família. Mbote, o seu novo amigo na aldeia, um pedaço de terra tinha-lhe cedido, outra parte (numa das extensas fa-

zendas enfiadas pelo mato), fora destinado para o cultivo. Tudo finalmente havia-se encaixado para ele e os seus, uma realização.

Numa bela noite, Canana descia rio-perto abaixo, aos assobios, dirigia-se para as lavras que ficam do outro lado, depois da travessia daquele pequeno caudal que carrega a fraca corrente de água até ao rio maior que fica mais longe, que funciona como a foz deste minúsculo. No outro lado é por onde havia as suas pequenas armadilhas de fios de mica, preparadas com jeito para capturar os pequenos bichos. Ele já contribuía em casa com carne para as refeições, ao contrário dos irmãos mais-velhos, inclusive, por ter tido um grande sucesso na caça, uma nova alcunha tinha-lhe sido atribuído pelos irmãos. Chamavam-no Kongo, expressão em Kimbundu que significa caçador, expressão essa que os irmãos achavam muito gozo em como soava a pronúncia e a usavam para fazer troça.

— Kongo, é engraçado, principalmente por se referir à caça — diziam — Hey, Kongo, hoje agarraste quantos ratos?

O menino ria, gostava do nome, dava-lhe poder e realmente soava estranho. Não tinha dada a ver com a mesma palavra em umbundu que traduzia a mesma coisa, um caçador.

Kongo andou apenas uma distância mínima, enfiando-se mata adentro. Nas proximidades do rio, ouviu gritos, xingamentos, como se alguém estivesse a discutir e vinha a correr. Canana reduziu os passos, mirou mais para baixo, conseguindo finalmente visualizar e reconhecer a pessoa. Dona Teresa, a vizinha da casa ao lado, disparatava e avançava languidamente em sua direcção.

— Socorro! Socorro!

Por pouco a moça esbarrava-se nele, o caçador teve de afastar-se um pouco mais, enfiando-se nos arbustos daquele estreitamento.

— *Songa dieeee!* Eu não devo nada a ninguém! Sou trabalhadora e filha da minha mãe! Se te mandaram, diz que não me encontrei! — A voz saiu num tom soberbo, uma mistura de medo e audácia, algo assim.

Kongo correu alguns metros, recuando do perigo — algo instintivo —, porém, queria perceber por quê fugia ela.

— Mana Teté, qual é o problema? — indagou, levantando os braços em protesto.

Teresa não abrandou, respondeu enquanto corria, não fora uma simples resposta, emitira uma ordem para que o menino recuasse: — Foge menino! É dikixi!... *Ó ié wandala kufua?*

O Caçador não se mexeu, deixou-se imóvel e em silêncio, continuo a marcha ou retorno?, falava em pensamentos, mas depois perguntou-se entretendes:

— Dikixi?! Como assim Dikixi?

V - AMIGOS E AVENTURAS

CANANA FEZ DOIS NOVOS amigos aquando da sua chegada à aldeia de Muquiama-Samba, Luizinho e Mabonzo, o último tornou-se o seu melhor amigo. Mabonzo era um ano mais-velho, nasceu e cresceu naquele lugar, nunca havia saído, excepto nas viagens curtas de ida e volta que fez na roça do Vale de Loma, no Queso e Piri. Todas as viagens tinham sido feitas caminhando apenas com os próprios pés, junto da família, grupo de amigos, em actividades culturais ou partidas de futebol. Apesar de ter quase doze anos, não conhecia a sensação de andar de bicicleta, ou qualquer veículo motorizado por longas distâncias, exceptuando às vezes que se penduravam nos camiões com os amigos, comportamento que já lhe valeu vários ferimentos no cotovelo e nos joelhos. Os sinais eram bem visíveis no seu corpo.

Os meninos escondiam-se no capim, quando os camiões passavam pela aldeia, cortando a rodovia, aproveitavam o abrandamento obrigatório na curva apertada ao fim das duas extremidades que divide a aldeia, penduravam-se nas barras da carroça e aproveitavam a carona. Quando o condutor *freava* a viatura para os alertar, estes saltavam e fugiam. Nem sempre eram felizes ao fazerem tais movimentos para se desvincilharem do veículo, muitas das vezes feriam-se, mesmo os que dominavam as grandes técnicas também faziam falsos saltos e eram arrastados no chão ou mesmo no asfalto, provocando arranhões na pele ou até cortes profundos. Alguns ferimentos eram grandes e deveriam servir de lições, mas, após algum tempo, os que sofriam tais consequências voltavam a repeti-lo. Crianças!

Mabonzo e as demais crianças de sua faixa etária, andavam de trotes (uma espécie de veículo feito de madeira). Era das brincadeiras que mais dava gozo aos pequenos. Os atrelados, assim como os pneus, eram feitos de ripas fortes e resistentes para suportar o peso e não despenharem em altas velocidades. Eram os veículos dos mais pequenos do bairro. Algumas vezes, faziam

até competições comparadas às grandes corridas de automóveis motorizados das grandes cidades, com multidões para assistirem e regularem a prova, aproveitando as subidas acentuadas para dar força e velocidade ao veículo.

Os dois meninos conheceram-se numa partida de futebol. Ambos faziam parte da mesma equipa, num confronto entre os dois bairros mais afamados dali, Vungunga e o Mingongongo. Representando o Mingongongo estavam eles, o bairro onde viviam. Era um grande dérbi e o primeiro em que o menino Kongo tinha sido convocado. Luizinho, o capitão de equipa, o garrincha que amarrava cordas de bananeira no braço para sinalizar a capitania, foi quem o indicou à equipa, fruto de uma partida particular que tinham feita dias antes, onde Canana mostrou ser um óptimo defensor, valendo-lhe a indicação como titular.

A bola de mikasa era feita de sacos plásticos, farrapos e colchões no interior, envolvidos de cordas de *jiposa*⁸ em forma de rede. Faziam-na bem resistente para não se estragar facilmente, para que pudesse aguentar várias peladas, até ser substituída. Hilário era o melhor fabricante “costureiro” de bola de saco do grupo. As mikasa manufacturadas por ele eram duradouras e leves, e produziam saltos como se de bolas convencionais se tratasse.

Muitos meninos apelidavam-se com os nomes das vedetas mundiais naquela altura, jogadores como Pelé, Maradona, Eusébio, Zidane, eram os mais comuns entre os pequenos craques com as suas camisas cujos nomes e números eram borrados a carvão na parte traseira.

O Bairro Mingongongo ganhou o nome, por conta das árvores do mesmo nome que se situavam naquela parte do bairro, no cimo do monte. Eram árvores grandes e robustas, típicas da região, chamavam atenção e suplantavam a beleza e a vaidade daquele lugar. Aquelas árvores estavam sempre apinhadas por pássaros de espécies diversas, ecoando estridentes cânticos que se espalhavam à volta do bairro. Podia-se ver pardais, katwitwi, rabijuncos, dikole, kanzunji, primpilões, maria-pitas, vimba-

⁸ Arbusto típico da região do norte.

-dyangundo, kalwelwe, pata-nganji, sumbwa-nganga e outros tantos nomes conhecidos, festejavam todos os dias e todas as noites nos galhos dos mingongongos.

Não era em todos os lugares que se podia ter aquele privilégio, participar como plateia daquele famoso banquete, do festival de danças, coreografias e representações culturais do mundo das aves. Haviam espécies de tamanhos e cores variados. Enquanto uns cantarolavam e acasalavam, outros dançavam, um pequeno grupo estava envolvido nas construções e reabilitações de novos ninhos e dos que estavam a deteriorar-se. Alguns vinham de longe, transportavam pequenos galhos na copa no bico, contribuindo com o que podiam, outros traziam alimentos para a partilha. Podia-se ver lá de longe, num fulgurante galho, no interior do ninho, uma mãe “passarinha” dar de comer os seus bebês, grão a grão, tirando a comida com o bico e pousando na boquinha dos seus pequeninos. Maravilhas do mundo animal!

Vungunga e Pouquito ficavam do outro lado, ao atravessar o asfalto, depois do campo grande. Havia apenas três bairros na aldeia e Mingongongo isolava-se dos dois, separados por essa rodovia que divide Quesso e Piri. Pouquito era o mais pequeno e menos populoso dos três, foi por essa razão que ganhou aquele nome. Os mais pequenos disputavam a popularidade dos bairros, entre Vungunga e o Mingongongo, qual deles era o mais afamado e mais divertido? Às vezes, a supremacia era comprovada através de uma ou várias partidas de futebol para os rapazes e da partida de garrafinha para as meninas.

Após aquela partida, naquele primeiro dia, os dois meninos tornaram-se amigos e nunca mais se afastaram. Foi Mabonzo quem mostrou ao Canana vários atalhos do mato, dos bosques para as armadilhas, dos melhores locais para caçar passarinho e até o carreiro para a selva mais temida da região, o do *Mbueji*.

A selva do *Mbueji* ficava muito longe da aldeia e abundante em animais, desde os bichos pequenos aos grandes, era ainda o melhor local para pescas artesanais. Quando o tempo se fazia seco, no Verão, o rio com o mesmo nome dividia-se em pequenos lagos e nasciam bastantes bagres, cacussos e tainhas. Os populares pegavam em redes, levavam também o tão conhecido

kafoto, a planta local utilizada para embebedar os peixes, e seguiam às suas buscas. Os mais experientes conseguiam grandes quantidades de peixes e muitos destes pernoitavam na missão.

Por outro lado, por conta dessa abundância de espécies, Mbueji era uma fauna perigosa e desafiadora. Só os grandes caçadores chegavam e caçavam para lá nos recônditos. Havia muitos animais ferozes, desde elefantes, leões, onças, leopardos, pakasa, jibóias e afins. Um encontro com uma dessas feras é uma derradeira batalha pela sobrevivência.

Existia naquela selva, algumas plantas estranhas (mágicas), segundo a lenda, não se podiam tocar. Se alguém o fizesse, o lugar poder-se-ia transformar num labirinto infinito. A pessoa ficava presa, a girar pelo mato e nunca chegaria a encontrar a saída de volta para casa. Podia ficar por horas, dias ou até mesmo eternamente. Houve relatos de pessoas que ficaram naquela gruta encarcerada por semanas, por terem tido contacto com a planta da maldição do labirinto. Felizmente, muitos conseguiram andar quilómetros até encontrar outras localidades conhecidas, só a partir dali retornaram aos seus locais de origem. Houve também quem foi e nunca mais voltou. Mistério.

Havia uma outra planta, espinhosamente conhecida de “feijão-maluco”. Esta, se entrar em contacto com a pele, mesmo que seja um pequeno toque na superfície, a vítima sentirá uma intensa queimadura, uma dor profunda que lhe atravessa as entranhas, um surto de maluquice. É como fogo, mas o efeito espalha-se à volta do corpo, no interior. Aquilo chega a invadir mesmo o sistema nervoso. A primeira reacção da pessoa exposta àquele é um descontrolado ataque de coceiras, num êxtase comparado a um maluco ou doido da cabeça. Não se descobriu nenhum antídoto que pode amenizar a dor. Dependendo da intensidade da exposição, a sensação pode durar desde minutos a horas. Exposição em demasia pode ser letal.

Todas estas coisas, os caminhos todos do mato (todos os segredos de caça), Canana aprendeu com Mabonzo. Enquanto se afirmava na aldeia, dedicava maior tempo a dominar os campos e as feras das lendas que ouvia, dava-lhe gozo aprender essas coisas, não queria ficar indiferente, queria dominar a terra

como qualquer nato de Muquiama-Samba, sentia-se parte da comunidade.

Canana foi melhorando as suas habilidades e conhecendo os segredos da caça conforme ansiava, com o tempo, já não temia nada na selva, mesmo porque, sequer acreditava em muitas histórias que ouvia, nem os relatos de grandes feras que atacavam os homens provocava-lhe pavor. Para tudo, queria ter uma prova física, não temia as consequências. Mal sabia ele que havia dilemas piores na aldeia, mistérios que vão além dos bosques, bichos e plantas espinhosas.

Havia no bairro um lugar em que as crianças não frequentavam quando anoitecia, nem podiam chegar perto. O que incomodava Canana que nunca percebia as razões das proibições ou limitações. Os amigos naturais da banda não comentavam sobre o assunto. Algumas vezes, o menino sugeria que estendessem as diversões ali e eles, simplesmente negavam-se a fazê-lo. Um dia desses, à noitinha, tentou mesmo sozinho aproximar-se àquele lugar, foi então que notou que havia um fedor intenso de bode, algo que avassalava o seu nariz. Mas aqui não há cabritos, foi o que pensou, ao surpreender-se com aquele odor.

O bairro todo não tinha cabritos, havia alguns porcos, mas Kongo nunca tinha avistado cabrito algum, e isso tornava a situação ainda mais estranha, se não há cabritos na comunidade, o cheiro de bode vem de onde? Se calhar há cabritos, não conheço e nunca entrei na residência de todas as pessoas, talvez tenham cabritos escondidos. Canana respondia as suas próprias indagações.

*

Kongo desceu o rio abaixo, ignorando o grito efusivo de Teresa apelando-o para afastar-se do perigo, queria ver com os próprios olhos, perceber o que realmente se passava. De que fugia ela? Quem era chamado de dikixi e por que razão ainda não ouvi nada sobre a existência dele ou dela, perguntou-se, enquanto descia em passos lentos, virava para os cantos e apontava a Catana. É uma mulher ou um homem? É uma pessoa ou um bicho?

Ele percebeu poucas coisas no grito da senhora, apenas dikixi e algumas alertas, Teresa não fora muito explícita. Canana já entendia algumas coisas em Kimbundu, mas estava longe de dominar aquela língua por completo, foram algumas lições da avó de Mabonzo e o próprio convívio com os amigos aqui e acolá, desejava enriquecer o seu vocabulário, agora que perdera um pedaço do conselho dado arrependera-se de ter um fraco vocabulário do idioma local. Continuou os avanços, descida abaixo, espreitava ao fundo a ver se descobria o fenómeno. De súbito, tropeçou num objecto pelo caminho, lançou-se numa bassula ali nos capins. Levantou-se rapidamente e voltou a embrenhar firme aafiada catana, apontando para a fera. Mirou à volta e confirmou que nada havia, só o ruído das cigarras e das rãs vindo do rio abaixo. Aproximou-se mais por onde tropeçou e descobriu que era apenas um pedaço de lenha seca repelida no caminho. Foi isso que me forçou a queda, pensou.

Essa *kota* deve ter deixado cair enquanto fugia, pensou.

Baixou-se um pouco, mexeu no tronco com a catana e ficou atento aos sons do ambiente, tentava no momento acalmar os rebatimentos no peito. Tremia, mas o susto era pelo quê? Não desistiria, agora mais do que nunca, avançou logo depois, continuou a descer, desta vez em passos mais cuidados. Num galope, o seu coração voltou a pulsar muito forte, como que a rasgar-lhe o peito. Ali, abaixo, com o grito intenso das cigarras entre as árvores, Canana revelou-se apavorado como nunca tivera estado. Olhou à volta, rodopiou duas vezes e, depois, num grito desenfreado ordenou: — Apareça dikixi!

Remeteu-se ao total silêncio, segurando a catana com firmeza, à espera que alguém aparecesse, fosse quem fosse. Naquele momento, apenas se ouvia o rugido da selva ecoar ao longe. O zumbido do vento, os chiados dos mabecos e a água que cantarolava aos pingos, salpicando miúdas gotas sobre as pedras.

VI - DIKIXI E OUTROS MONSTROS

Ali no rio, Canana percebeu que não havia nenhuma estranheza. À beira, escrutinou os canteiros e conferiu os bosques fechados, não tinha nada que lhe parecesse incomum. Encolheu os ombros e voltou a catana à cintura.

— Não há nada de especial aqui, essas kotas são todas medrosas, medrosas e malucas! — sussurrou e exibiu um sorriso trocista.

Atravessou para outro lado, seguiu margem acima, caminhando mato adentro. Ele planeava aproveitar aquele fim de tarde para rever as poucas armadilhas que havia feito durante o dia anterior. Se estiver intacta, ao menos troco a mandioca por uma mais fresquinha, pensou, enquanto caminhava em passos lentos, ainda pensando na reacção de Teresa.

Lá mais para cima, havia a lavra do velho Jojó, este tinha uma safra grande, ele e a esposa eram já velhinhos, mas trabalhavam bastante e possuíam uma extensão de plantações diversas. Canana conhecia bem aquela lavra, a sua família havia prestado serviço ali, assim como em muitas outras pertencentes a outros senhorios da aldeia, lembrou-se de quando eles ainda eram meros visitantes na comunidade. Agora as coisas mudaram, ainda bem, Canana sentia-se cada vez mais nato da aldeia, como se tivera nascido ali, tornara-se parte daquilo, daquele corredor da selva, das diversas lavras, dos gritos dos esquilos e da comunidade.

As armadilhas encontravam-se mais ao fundo, deixando mesmo ficar as lavras. Depois de caminhar alguns poucos quilómetros, alcançou o lugar onde havia inúmeras pedras por onde os bichos habitavam e os animais trilhavam no chão com as suas pegadas, aproximou-se por onde tinha deixado uma das armadilhas e ouviu um grunhido. Ele estava a pelo menos cinquenta metros de distância da armadilha, abrandou os passos, susteve a respiração e mirou num relance por entre os arbustos, tentando entender todo o cenário que se adivinhava em frente.

No vão do mato, múltiplos ruídos ecoando, diversos bichos, quase todos conhecidos por ele.

Os pássaros juntaram-se à esfera, produziam um ruído desproporcional ao habitual. Os grandes conhecedores dos matos sabem, Canana sabia: os pássaros fazem cânticos diferentes quando estão sobre perigo iminente, por exemplo, num local onde há cobras ou outro predador, eles juntam-se e fazem vaias para que o mesmo fuja ou ainda para alertar os outros a não se aproximarem. Havia um cantar de alerta e o seu subconsciente apelava: “é agora ou nunca! Aproveita e foge, deve ser aquele dikixi!”

O Kongo tomou firme a catana, aproximando-se devagar, como se precisasse flutuar para não espantar fosse o que fosse. Acho que o dikixi esperou exactamente onde colocaste a *njanda*⁹, voltou a dar ouvidos a sua voz interior. Então ele vai ter que se ver comigo!, rebateu, não o vou facilitar a vida!

Estava a alguns metros da armadilha, já dava para ver claramente, uma enorme águia comia o animal na sua armadilha, picava, rebatia as asas e dançava com fulgor, feliz com o tamanho da refeição. Kongo levantou vagarosamente a catana, posicionou firmemente o corpo e jogou com violência em direcção a águia, tentando atingi-la letalmente. Mas, num frenesim, a águia que roubava do seu jantar levantou voo e fugiu, sequer fora atingida numa única pena. Num grito de desespero, os passarinhos que cantarolavam também se dispersaram, cada um em direcção oposta. O nosso caçador suspirou de alívio! Tinha chegado mesmo a horas e não se tratava afinal de um animal misterioso. A ratazana ainda estava completa, algumas picadelas, um olho a menos, mas ainda dava para a refeição em casa. Pô-lo na pequena saca que lhe atravessava as costas. Mudou a isca. Voltou a colocar a *njanda* operacional para a próxima vítima e tomou rumo de volta para casa.

Firmino também era caçador, igual ao filho, não, o filho saía ao pai. No total eram dois membros em casa com aquelas habilidades especiais. Por isso mesmo o kota entendia as ausências do filho àquelas horas, embora precisasse, algumas vezes,

⁹ Armadilha de grande porte

adverti-lo sobre as cautelas a se terem em conta no exercício da profissão.

— Os animais servem para as nossas refeições, mas também são os nossos maiores perigos quando estamos nas matas. Tem cuidado, filho. Não vai muito longe sozinho e não fiques preso na selva ao anoitecer — aconselhava.

O kota sabia os perigos da selva, ainda mais para um menino adolescente. Na casa daquela família, não faltava carne de caça. O pai trazia os bichos maiores tais como: pakasa, javali, kibiji e seixa. O filho por sua vez, trazia *kambwiji*, kanda-pedra, *kisaka*, rato, ratazana, galinha-do-mato, esquilos e pássaros diversos.

Neste mesmo dia, Canana chegou em casa e entregou a ratazana à irmã Lucinda, de seguida, foi ao encontro do amigo, curioso para fazer o inquérito sobre o que ouvira mais cedo. Eram quase vinte e uma horas. Ali, na casa de Mabonzo batucou a porta e aguardou ansioso pelo atendimento.

— Quem é a essa hora?

— É o Canana, papá Fuxi. Posso falar com o Mabonzo?

O kota abriu a porta e olhou para o menino, um pouco desconfiado, como se não lhe tivesse reconhecido de primeira.

— Ah, és tu mesmo! Olha, Mabonzo saiu faz vinte minutos, não avisou para onde iria. Mas deve estar ali no campo onde estão o resto dos meninos da vossa idade.

E Canana agradeceu. Virou-se para seguir, mas fora interrompido.

— Olha, Canana, diz a ele para voltar imediatamente cá em casa, não são horas de ficar na rua!

— Sim, papá.

Canana avançou em direcção ao campo, tinha de encontrar o amigo, aquela conversa não podia ficar para o dia seguinte. Ali no centro o vasto campo centrado nos três bairros, por onde toda a recreação da aldeia acontecia, havia música, uma pequena festa, diga-se e, parte dos meninos dos três pontos encontravam-se ali, vibravam eufóricos. Naquela multidão o caçador procurava pelo amigo, porém, foi Mabonzo quem o viu primeiro, chamando-o próximo a si. Canana usava uma

t-shirt velha, saltava logo à vista, o amigo vestia uma camisa castanha, ambos estavam de calções.

— Ui, vem. Preciso falar contigo, é urgente!

Segurou nos braços do amigo e começou a afastá-lo do barulho da aparelhagem.

— Mas essa conversa não pode ficar para depois ou amanhã? Logo agora que a música está a nos *cuiar*! — O amigo seguia e resmungava, descontente.

— Por favor, Mabonzo. É urgente, confia!...

— Está bem, vamos. Rápido porque gosto muito dessa música que puseram agora.

Não havia electricidade em toda a aldeia, nem de gerador privado e muito menos da rede pública de abastecimento, sequer havia infra-estruturas para tal. A aparelhagem funcionava através de corrente gerada por dínamo de uma bicicleta, alguém precisava dar manivela aos pedais para produzir electricidade e transmitir ao aparelho. Um Simba, a moda do momento. Há sempre uma engenhoca por cada canto nas comunidades, sempre dão jeito de descobrir uma coisa ou outra. É por isso mesmo, exactamente por isso que, se o homem branco não atravessasse o mar para colonizar as terras de África, acredita-se que sempre descobririam a lâmpada e todos os engenhos que apareceram depois, a sabedoria está na mente dos homens, de todos os homens.

Naquela empreitada, na roda musical, todos participavam, havia alternância para manipular os pedais porque ninguém podia fazê-lo por muito tempo sozinho sem se cansar. A iluminação era feita por fogueiras gigantes, era todo um trabalho conjunto para poderem ter uma noite de festejos como deve ser, uma mini discoteca. Era preciso lenhas, óleo de dendém para o manípulo dos pedais e a disponibilidade das pessoas que podiam manusear o gerador adaptado, tudo isso fazia parte dos preparativos.

As danças eram variadas, dependiam do estilo das músicas que tocava, das poucas alternativas que havia. Ouvia-se através de velhas cassetes, cantos do Oliver Ngoma, Urbano de Castro, David Zé, Ndengue do Kota Duro, Marré, entre outros tradicionais vindos de Malanje, músicas essas, que eram muito

populares e faziam lembrar vários acontecimentos vivenciados tempos atrás. Algumas canções eram de pendor político, na sua maioria, outros, religiosos e ouvia-se também temáticas que brindavam o amor.

Ficaram isolados a algumas centenas de metros do campo. Canana não perdeu mais tempo, foi directamente ao assunto, mostrou-se revoltado com o amigo, por este não lhe ter contado todo os segredos do bairro. Questionava a amizade de ambos, afinal, não eram tão chegados quanto pensava, se não houve tempo para falar sobre tudo, principalmente, sobre algo que lhe parecia ser muito importante, algo que tem provocado terror às pessoas na aldeia. No momento até a imagem e expressão da Teresa lhe veio em mente. Há quase dois anos que os petizes se conheceram e convivem, para Canana, a confiança que ambos haviam cultivado significava a partilha de todas as coisas importantes, segredos sobretudo.

— Afinal o que é dikixi, Mabonzo? Por que nunca ouvi falar nem mesmo vindo de ti? Pensei que fôssemos amigos e que confiasse em mim!

Mabonzo, espantado com a descoberta do amigo, resolveu contar o pouco que sabia, coisas que também lhe fora contada pelos pais, mas, primeiro desculpou-se.

— Canana, olha esqueci totalmente, acredita. E, com o passar do tempo pensei que já havíamos falado sobre isso. As pessoas aqui na aldeia haviam sido obrigadas a não falar sobre isso aos visitantes, só as que fizessem tempo suficiente teriam acesso às tais informações sigilosas e privilegiadas — argumentou —. Era uma forma de protegê-las e incentivar a sua estadia no bairro, afinal, Muquiama tem muitas coisas boas para oferecer. Contudo, nenhum lugar é perfeito ou completamente seguro, sei que tu entendes.

O amigo permanecia em silêncio, apenas atento ao que Mabonzo dizia, com aquela expressão de quem quer mais detalhes.

— Outra razão que fez com que não se falasse mais sobre o assunto — continuou —, foi o facto de ter passado um bom tempo sem nenhum incidente, muito tempo mesmo. Para teres ideia, ninguém tinha sido confrontado ou ameaçado desde

antes do meu nascimento, se houve, então não é do conhecimento público. Talvez tenham guardado segredos e nós não nos apercebemos. Particularmente, penso que, as pessoas que se transformavam em tais monstros no bairro, haviam morrido ou já estavam velhas de mais para o exercício da profissão.

De acordo com aquele *kandengue*, havia um lugar nas proximidades da entrada do cemitério onde os mais-velhos desaconselhavam à frequência à noite. Foi a primeira vez que Mabonzo falou sobre aquele lugar que ele gostava de questionar. Os mais-velhos alegavam que ali era o santuário da peregrinação do mal. Todas as noites, os makixi¹⁰ e os kinzadi faziam as suas danças espíritas e isso acontece até nos dias do tempo deles. Mas essas danças aconteciam de forma insípida para pessoas comuns, é como se acontecesse num horário diferente, noutra dimensão. Então, quem se aproximasse dali às noites, após as vinte e uma horas, poderia ser abduzido (era o que se contava nas lendas). Não havia nenhuma prova de que isto realmente tenha sido verdade, mas eles cumpriam os conselhos dos magos, cumpriam embora não acreditassem. Quem poderia duvidar dos kotas?

— Então... queres tu dizer que dikixi é uma pessoa, um ser humano?

— Sim! — confirmou Mabonzo, acenando a cabeça afirmativamente — Dikixi ou então makixi quando são vários, segundo o que se conta, são pessoas que possuem poderes sobrenaturais, na verdade, não passam de feiticeiros, estás a ver?

— Mas ou menos.

— Pronto. Estes tais quando quisessem fazer mal a uma determinada pessoa, perseguiram-na onde quer que estivesse sozinha, seja no meio do mato ou então no calar da noite, transformavam-se em monstros incaracterísticos de várias cabeças, com corpos semelhantes à pakasa, revestidos por pêlos negros, olhos vermelhos, mas assim mesmo como nós, na forma humana e cuspiam fogo, devorando as suas vítimas.

— Meu Deus!

10 Plural de dikixi, monstros de várias cabeças.

— Olha — continuou —, nem sempre estes monstros assombravam com o objectivo de devorar as suas vítimas, por isso, muitas vezes, as pessoas conseguiam safar-se para contar os factos.

Outros relatos diziam, que um dikixi era alguém muito próximo à sua vítima. Alguém que deseja interromper o exercício de um ofício dessa pessoa num determinado local, podia ser por motivos de vingança também, por algo que lhe tinham feito. Um dikixi normalmente age comovido por um grande sentimento, uma certa aversão ao seu oponente, como qualquer inimigo, pratica uma determinada acção movido por alguma causa, seja ela justa ou não, fundada ou infundada. E, às vezes, aparece para dar uma espécie de recado, um simples terror ou ameaça.

— Dependendo da situação, o monstro poderia também matar e devorar a sua vítima, é o que dizem amigo, é o que eles faziam antigamente — frisou.

No momento, Mabonzo contou ainda a história da velha Xica, uma história muito velha. Havia um dikixi que a assombrava na lavra, quase todas as tardes. A *kota* teve de reduzir o tempo de estadia na mata, depois de várias ocorrências. No princípio tinha o hábito de trabalhar até quando o sol se punha e o início do crepúsculo. O esposo era conhecido como sendo o mais preguiçoso do bairro, tinha sido apelidado de *Kiowa* desde a sua juventude e ninguém mais se lembrava do nome original, aquele que consta no boletim de nascimento, se é que ele o tinha, até a mulher chamava-o por esta alcunha. O *kota* passava a vida a fumar *makanha* e a bebericar *kaporroto*¹¹ enquanto a mulher trabalhava no duro para sustentá-lo.

Às vezes, o monstro aparecia e *kitugava* a velhota, ela fugia aos gritos até ao bairro. Após cada incidente, passava vários dias sem trabalhar, temendo por sua vida e só retomava quando um dos jovens no bairro se oferecia para acompanhá-la durante alguns dias, ou mesmo o esposo que também se oferecia em raras ocasiões. O estranho é que a fera não aparecia quando esta se

11 Bebida caseira destilada, feita de açúcar e fermento.

encontrava acompanhada, fazendo com que todos na comunidade, ali na Muquiama-Antiga, duvidassem da velha Xica.

— Essa velha está louca, anda a ver coisas de outro mundo!

— Levem-na ao velho Milongo para tratar-lhe estas loucuras!

— Deve ser feiticeira, só pode. Ela mesma deve ser dikixi!

Depois de tantas acusações, especulações e humilhações, o soba reuniu com ela no sentido de proibi-la a se manifestar dos ataques, que para ele também não passavam de alucinações.

— Essas histórias inventadas, aqui no bairro que eu governo não existe, aqui não é lugar de magia negra. Estes monstros que só tu tens visto são frutos da tua imaginação, a senhora está louca! — disse-lhe o soba.

— Mas Ngana Soba, assim mesmo nessa minha idade, não conheço as coisas?

— Oh, mana Xica! A experiência que tive com os makixi lá na terra onde cresci, se a senhora enfrentasse algum, jamais escaparia viva. Fica só mesmo contigo essas coisas, resolve mesmo os teus conflitos internos, não amedronta mais a comunidade. Estou farto de ouvir toda a hora este assunto. Encerra mesmo já!

A velhota decidiu cumprir o referendo, no entanto, intensificou a corrente de oração. Infelizmente, muitos dos seus irmãos na congregação também estavam incrédulos sobre a situação, sussurravam nos cantos sobre tais mistérios, alguns até à chamavam de lobo na pele de carneiro.

— Só uma pessoa endemoniada até aos dentes teria a capacidade de inventar histórias tão macabras e é muita coragem, porque reza mesmo junto de nós! — bradavam.

Passado algum tempo, Xica suportando toda aquela humilhação, decidiu continuar a sua rotina de trabalho. Labutava apenas no período matinal até ao meio dia, após a adopção daquela medida, nunca mais chegara a ter encontro com tal monstro. Mas isso aconteceu após o esposo começar a adoecer, Kiowa ficou acamado por muito tempo. Piorava cada vez mais. O *kota* Milongo não conseguiu fazer nada diante de sua enfermidade, tudo tentara para salvá-lo, sem êxito. Então, quando este se viu no leito da morte, implorou à esposa para convocar

o pastor de emergência, a fim de visitá-lo e este fazer uma confissão ou rogasse por uma bênção. Na presença do reverendo e da esposa, confessou que era o responsável por aterrorizar a amada na lavra.

Kiowa assombrava a própria esposa, transformando-se naquele monstro de três cabeças. Não desejava fazer mal à minha esposa, minha Xica, não era minha intenção comê-la e muito menos matá-la, só queria que ela estivesse mais tempo em casa, comigo, confessou.

Quando os trabalhos da velhota estendiam-se ao anoitecer, deixava-o irritado. Tinha a sensação de que estava a traí-lo. Então, transformava-se em monstro e ficava a vigiá-la como se de guarda se tratasse. Quando ela estivesse sozinha, aparecia e a assustava, com o propósito de a ver faltar aos seus officios no dia seguinte, e assim, tirava umas férias. Deslocar-se à lavra de vigia era desgastante para ele. Kiowa detestava trabalhar e estar na lavra por si só lhe trazia um cansaço psicológico. Sucumbiu depois da confissão, e o bairro todo lamentou o infortúnio, principalmente por não terem dado ouvidos à velha.

Em plena agonia, Kiowa ainda fez uma demonstração transformou-se parcialmente na fera, apenas partes do corpo, da cintura à cabeça. Orações, clamores divinais, praguejamentos e rugidos ouviam-se de fora daquela kubata, vindo do velho ancião, da dona Xica e do próprio Kiowa.

Teve também a história do velho Vunge, este vivia na Matobe Antiga, num tempo antigo, além do tempo do avô dos tetravôs dos pais da actualidade. Dizem que nas noites de lua cheia, transformava-se num animal que fedia a bode, cuspiam e peidava fogo, um animal cujas características assemelhavam-se com a fusão de uma pakasa e um cabrito. Ninguém sabia precisar exactamente a real característica da fera, pelo menos ninguém que esteja vivo. Mas, os velhos historiadores alegam que tinham essas semelhanças e que, diferente de dikixi, este só possuía uma cabeça. Naquela época, era proibido andar à noite após às vinte e três horas, principalmente sem companhia alguma, na agonia do medo viviam os populares por longos anos, por esse ser místico.

Muitos habitantes desapareciam misteriosamente e nunca mais chegaram a serem vistos. Estas vítimas foram atribuídas à tal coisa como sendo a responsável, o devorador da noite. Não havia nenhum único sobrevivente que tenha enfrentado a fera e tivesse sobrevivido para relatar os factos. Tal monstro não podia ser derrotado por um humano qualquer, apenas um mestre kimbanda ou mago muito poderoso poderia combater frente a frente a fera e vencê-la. *Kinzadi, ukituga*¹², é assim que o chamavam, o devorador de gente, o bicho papão da Matobe antiga no tempo do avô dos tetravôs...

Não houve relatos, nem alguma confissão ou flagrante e muito menos alguém que tivesse a audácia de enfrentar um *kinzadi*. Estes e outros monstros existiam e muitos deles sofreram a evolução com o tempo, tornando-se mais astutos. Não havia nenhuma dica do conhecimento público ou dos mestres historiadores sobre a forma de enfrentá-los e derrotá-los. Muitos destes seres ainda podiam estar entre as comunidades, camuflados ou então aposentados dos seus poderes.

— Se tudo isso é verdade, assim mesmo conforme acabaste de me contar, gostaria de entender o porquê dos nossos ancestrais, inclusive os grandes magos que existem ou já existiram, não deixarem nada escrito do conhecimento público sobre a forma de lidar com essas criaturas!

— Canana, tu achas que não tentaram? Claro que tentaram, talvez até muitos se perderam nessa busca.

— Não sei, Mabonzo. Não sei. Sendo criaturas antigas, as pessoas deveriam ter feito mais, muito mais do que ficar a guardar segredos a 7 chaves por várias gerações.

— Mas qual é a parte do “perigoso” que tu não entendeste?

— Viver é correr risco, meu amigo. Ninguém conquista a liberdade sem gastar uma gota de sangue, sempre foi assim. Alguém deveria ter sido ousado o suficiente em procurar uma solução, uma fraqueza para um *kinzadi, dikixi* ou qual seja o monstro que tenha existido aqui ou ali.

Mabonzo, olhava assustado para o amigo, espantado por ter sido ele a trazer o assunto à tona (sendo que não havia ne-

12 *Kinzadi aterroriza, assombra.*

nhum relato de aparecimento de um dikixi ou outra coisa. Tudo o que sabia tinha sido contado pelos pais e avôs. Pese embora, muitas dessas histórias, ele mal acreditava), questionou-o, quase em sussurro, até olhava nos cantos desconfiado: — Canana, quem foi o nativo atrevido que te falou sobre os makixi?

— Tia Teresinha — O amigo respondeu. Fez uma cara de desaprovação. — A esposa do velho Buila acabou de ser assombrada hoje mesmo à beira do rio, enquanto eu descia, ela gritava: “dikixi! dikixi!”, mas, cheguei lá abaixo e não vi coisa alguma.

— Não acredito nisso... Ela deve ter-te feito uma partida, não acredito que tenha presenciado tal situação — assegurou — Tu, Canana, sabes muito bem que essas *kota* têm um exagerado senso de humor!

Mabonzo riu secamente, cutucando o ombro do amigo. Mas a sua expressão de preocupado no rosto continuava. Se essa coisa com o monstro é verdade, todos correm perigo.

— Anda, conta-me todo o episódio e amanhã vamos à casa dela tirar essa história a limpo. Vais ver que ela irá desmentir. Aqui não há essas coisas, quer dizer, já não há.

— Estás a ver, ao menos sabes que havia!

O amigo encolheu os ombros. Os dois caminhavam de volta à ao campo, Mabonzo meio que arrastava o amigo, agarrando-o nos braços. Canana acenou a cabeça, concordando com ele, dariam continuidade à festa e no dia seguinte falaria mais sobre essa aventura, sobre dikixi e outros monstros.

VII - DESVENDANDO MISTÉRIOS

NA MANHÃ SEGUINTE, como planeado, foram ter à casa da Teresa. Era ainda muito cedo quando os dois encontraram-se antes mesmo das oito, as pessoas na comunidade começavam a jornada dos trabalhos do campo. Tinham mantido o segredo entre eles, não haviam partilhado a questão com mais ninguém, continuariam assim até que se apurasse os factos. Durante a noite, Canana não dormira como o habitual, ficou parte dela a pensar nas histórias contadas por Mabonzo, no ataque de susto da kota e visualizava a imagem no rio, tentando entender o que havia perdido, que enigma lhe tinha escapado naquele momento? Demonstrava-se cada vez mais ansioso para saber mais e mais. Estava traçada a sua nova aventura letal! Ele sabia que estava a mexer com coisas perigosas, mas ainda assim, dizia para si mesmo que não podia ficar de braços cruzados. Alguém tem que tirar essa história a limpo, tenho de tirar essa história a limpo. Não posso permitir que a próxima geração viva de igual modo, na ignorância, não me parece justo, cogitava consigo mesmo, enquanto avançava a passos lentos, junto do amigo.

Para ele, aqueles monstros sejam eles físicos ou abstractos conforme se apresentam aos olhos dos homens, não podiam continuar impunes. A partir daquele momento o assunto dos monstros tornou-se pessoal, queria a todo o custo descobrir a veracidade dos factos e, de seguida, fazer levantamento a nível de todas as plantas que havia aprendido no mundo da caça para usar como arma e derrotá-los.

O *kandengue* imaginava que a solução poderia ser em forma de uma enorme armadilha. É provável que tais monstros sejam gigantes, e se for o caso, preciso de uma boa isca para atraí-lo à armadilha. O que poderia servir de isca para uma coisa dessas? Uma pessoa humana, será?, pensava.

— Mabonzo!

— Diz, o que foi?

— Não existe nenhum bicho invencível, todos têm as suas fraquezas, só precisamos achá-las! Não há um único ser vivo desprovido de fraquezas no mundo! Se esse dikixi existe aqui na aldeia, acharei uma forma de exterminá-lo!

— Falar assim, parece muito fácil. Vamos só, já te falei, isso não passou de um mal-entendido entre vocês.

Teresa também não teve tréguas. Depois do incidente no rio, teve a sua noite em claro, interrompida por uma sequência de pesadelos. Quando tentava uma soneca, via os rostos do monstro atravessarem as paredes da casa. Ouvia vozes e urros medonhos enquanto sonegava e acordava aos gritos. No meio da noite, levantou-se e ficou sentada na cama, foram horas a fio na companhia do marido, Buila, que também se levantara com a histeria da esposa, temia pela vida da companheira.

Quando amanheceu, os dois ficaram felizes que tivessem passado a noite sãos. Levantou-se muito cedo, foi à igreja pedir as bênçãos e entregar tudo ao *Nzambi*.

Ao avistar os dois meninos na sua porta, o coração de Teresa subiu a mil, aquela visita inesperada e repentina remeteu-a àquele momento no rio em pleno ataque da fera. Reconheceu o menino, era ele, pensou nos pesadelos durante a noite, tudo parecia fazer sentido. Por algum motivo chegou a pensar que aquele rapaz não batia bem da cabeça, pois não achava normal alguém em sã consciência, ter notado o quanto ela se cagava de desespero e manter-se no local completamente imóvel, encarando-a, como se fosse uma daquelas brincadeiras de esconde-esconde. Pretendia ir a casa do menino para saber se este encontrava-se lá, desconfiava que com aquela ousadia estúpida tinha descaído para onde estava o dikixi e tinha sido devorado, mas não. Ao vê-lo ali a aproximar-se, tinha então chegado a conclusão que o menino era especial. Era ele parte do terror? Mudou completamente de ideia quanto aos seus planos pela manhã.

— Bom dia, mana Teté! — saudaram em uníssono os dois rapazes, parecia um grupo de coro.

A senhora olhou para eles de cima a baixo, para as suas roupas, os calções, as camisas surradas, as caras que mal tinham sido lavadas e a audácia na cara deles de chegarem até ali para enfrentá-la...

— Bom dia quem? Querem mais o quê? — fuzilou, interrompendo-os. — *Ce wala ni wanga bana mamenu*¹³! Que fique bem claro, nós não somos parentes, vosso feitiço mete lá pessoa da vossa família! Eu não devo nada a ninguém aqui no bairro, nem aqui e muito menos noutra lugar, tudo o que consegui na vida foi com suor e ajuda do *Ngana*!

— Fique calma, mana Teté! Nós não somos feiteceiros e nem queremos trazer nenhum problema à senhora, pelo contrário, estamos aqui para ajudar — refutou Mabonzo. — É que o meu amigo Canana — encostou-se ao amigo e o abraçou — também viu e escapou das garras do dikixi ontem mesmo lá no rio.

A mentira foi necessária, era preciso conseguir a atenção da senhora, atenção e confiança. Para isso, nada melhor do que agir como vítima. Buila, que estava no interior da residência, bastou ouvir falar do monstro, saiu rapidamente e exigiu que falassem mais baixo:

— Psiu! Falem mais baixo, falem mais baixo! Vocês sabem os problemas que estão a se arranjar ao trazerem este assunto aqui? Entrem, rápido, venham aqui dentro! Vamos, venham conversar aqui.

Abaixo do mau olhar de Teresa, os meninos passaram na frente e seguiram para o interior da residência. O casal estava sentado num lado, num longo mocho de madeira, os dois marujos estavam um pouco mais afastados, em bancos separados.

— Mana Teté, como o monstro apareceu exactamente? — perguntou Canana.

— A senhora está ferida? — rebateu Mabonzo.

— Desconfia de alguém que seja dikixi e a tenha assombrado? — voltou a indagar, Canana — É a primeira vez que passou por isso?

13 *Se tem feitiço que entregue à sua mãe.*

Os dois meninos estavam ansiosos e faziam perguntas sem dar tempo de resposta, tanto a senhora e o esposo olhavam boquiabertos, ainda estavam a digerir as inquirições dos pequeninos. Teresinha tremia, notava-se mesmo. O velho, Buila, ora olhava para eles, ora espiava a porta se estava alguém a aproximar-se.

Tinha sido a segunda vez que a Teresa teve contacto com o monstro, a primeira tinha sido um mês antes, porém, como não teve a certeza do que vira e nem de como aquilo se parecia exactamente, ficou calada e não havia contado nada a ninguém, excepto ao esposo. Não queria alarmar as pessoas do bairro tendo em conta os apelos que o Soba havia feito em relação a essas questões. Na aldeia ninguém poderia conversar ou promover uma conversa sobre misticismos, havia um grupo restrito de pessoas com estes tipos de informações.

“Muito cuidado, mulher, lembras-te muito bem os apelos do Soba, ainda por cima, nem tens a certeza do que viste, deve ser um simples susto provocado por um animal qualquer!”, foi o que o esposo lhe disse, depois daquele infortúnio na lavra.

Tudo aconteceu quando ela vinha do Cantoneiro já ao entardecer, o sol ainda se encontrava pendurado no céu, poemava enquanto se preparava para pôr-se. Não havia mais ninguém pelo caminho, enquanto seguia a beira da estrada, depois de alguns quilómetros de caminhada sentiu vontade de urinar, assentou a *dibunda* e desviou-se do capim. Arregaçou o pano que usava de rodilha e usou para cobrir-se enquanto fazia as suas necessidades. Sempre atenta no capim, é assim no mato, quem se distrai ainda põe o pé na rodilha de uma serpente. Mal tinha terminado, ouviu um rugido, não, um balido? Parecia uma cabra, mas soava estranho, uma mistura de vozes. Ela interrompeu o processo, saiu rapidamente do esconderijo, recolheu as suas coisas e começou a caminhar, deu apenas alguns passos. Quando se voltou para trás, a visão se fez escura, havia alguma coisa de pêlos brilhantes, mas parecia deformado. Jogou a banheira ao lado e meteu-se a correr em direcção ao bairro.

Um arrepio escaldante invadiu-a enquanto avançava, como se de uma febre repentina se tratasse, num solavanco, a mulher tremia, mal conseguia deslocar-se, parecia hipnotizada,

enfeitçada. O ar parecia infestado com um cheiro intenso de podridão. Ainda assim, fez esforço de continuar, quase que se arrastando, sem olhar para trás. Tentou um grito, mas a garganta parecia presa e seca, a voz não saía, os pés transmitiam uma estranheza, como se tivessem sido ligeiramente atados, até o som do vento emitia um zumbido estranho. Fez todo o esforço possível e impossível e, quanto mais se distanciava do local, os seus passos aumentavam e sentia-se menos trémula e mais veloz. Depois, os seus movimentos retomavam, aos bocados, sentia todo o seu corpo. Não voltou a olhar para trás.

— Ali no rio, a sensação de uma presença sobrenatural era mais forte e tive mais clareza em relação ao que vi, a fera era real e estava mesmo à frente de mim, a alguns metros de distância, devorando-me com o olhar, mas sem movimentar-se — explicou a *kota*.

— Hmmm — murmurou velho Buila, assustado com o depoimento da esposa. Não gostou da ideia de a esposa ter confiado nos rapazes, eram apenas meninos e se saíssem dali a abrir boca para todo o mundo?

— Olha, ontem, naquele momento — continuou Teresa —, percebi que se tratava da mesma coisa que me perseguia no outro dia. Simplesmente larguei o que estava a carregar e corri com toda a velocidade! O que me surpreendeu é esse *dilaji* aqui — apontou o Canana — não me destes ouvidos. Eu avisei-te.

— Mas e... — Canana tentou responder, mas foi interrompido novamente.

— Ali no rio, concluí que se tratava do tão falado dikixi que davam como extinto no bairro! — afirmou, sacudindo a cabeça como se estivesse ainda agitada com o impacto — Afinal anda mesmo aqui no nosso meio, convive connosco!

Felizmente, Teresa havia saído dos dois atentados sem um único aranhão, o que tornava óbvio para os dois meninos que a fera podia existir, mas não estava ali para a devorar.

— Deve ter sido algum tipo de ajuste de contas, alguma forma de provocar terror a ela por algo que tenha feito — disse Mabonzo, transmitindo para o seu amigo, após abandonarem a casa daquele casal, deixando-os a discutir, porque o esposo simplesmente não gostou que ela tivesse dito a verdade aos

meninos. — Podia ser também uma de suas rivais, as antigas mulheres do kota Buila. O Buila abandonou seis mulheres e um total de dezoito filhos na aldeia de Bula Atumba, onde viveu maior parte da sua vida, para ficar com a Teresa. Ela deve sim as outras!

— Mabonzo, como assim, ela deve o quê e a quem?

— Deve muito às esposas do velho Buila e aos seus filhos. Ninguém abandona tanta gente só por causa de uma mulher!

— É justamente por isso, Mabonzo, dizem que pelas mulheres os homens fazem tudo.

— Buila é um mais-velho sem juízo! Já ouvi que a mana Teresa tem a idade de uma de suas filhas. É um velho aventureiro! Sair daquela aldeia tão distante onde viveu tantos e tantos anos, esquecer aquele maranhado de filhos e esposas só por causa das astúcias de uma catorzinha? Velho irresponsável

— E como tiveste acesso a tanta informação?

— Canana, eu nasci e cresci aqui, eis a vantagem. Sei coisas.

— Mas não sabes nada sobre o monstro.

— Pois, parece que não sei tudo.

Os meninos abandonaram a casa da Teresa, com a promessa de investigarem as pessoas no bairro, procurando pelo assombroso monstro. Pediram a senhora para não tornar o assunto público, alegando que iria alarmar muita gente, lembraram até os apelos do esposo da mesma. Ninguém pode comentar sobre o assunto, aquilo ficaria só entre eles. Todos concordaram.

— Mabonzo, precisamos fazer uma lista dos principais suspeitos do bairro, pessoas que suspeitamos ter tido alguma zanga no passado com essa *kota*, possíveis pretendentes, assim como todos os velhos cujo comportamento social nos é duvidoso — sugeriu, Canana.

O menino lembrou também ao seu amigo, que fizesse um levantamento sobre a última ex-mulher que esteve no bairro para pedir apoios financeiros ao velho Buila. Esta tornou-se a tarefa mais fácil, sendo que apenas a sua primeira mulher, a primeira das sete, esteve no bairro nos últimos seis meses.

— Canana, aquela senhora parecia pacífica, sem maldades, uma boa senhora! — respondeu Mabonzo — Havia aparecido para falar de uma enfermidade do filho e foi embora no dia seguinte. Não houve nada que chamasse atenção às pessoas, no final do dia, foi mesmo a kota Teresa quem a acompanhou até a paragem. Posso dizer que são amigas.

— Há uma ligação entre o monstro com essa senhora, precisamos saber qual!

— Sim, faz todo o sentido, porque é a única que passou por isso. Deve ter algum caso particular.

Passaram-se dias de pesquisas e escrutínio minucioso, os detectives sombrios fizeram a triagem da lista e ficaram com seis potenciais suspeitos: Buila, lhes parecia quieto de mais tendo em conta a gravidade da situação que a sua parceira estava a atravessar, era suposto mover-se, mas por sinal fazia tudo para encobrir o mistério; o Soba, todos dizem que os sobas são preparados para as forças sobrenaturais do reinado e se alguma coisa estranha existisse ali na aldeia, o manda-chuva tinha de saber; velho Mbote, antigo pretendente da Teresa e detentor de uma vasta propriedade de terras no bairro, terras estas que ninguém sabe explicar como as herdou. Fora ele quem havia dado uma parcela ao pai do Canana (tornou-se amigo do *kota* Firmino), talvez esteja a vingar-se pela rejeição; Mamã Zazá, a congolesa e comerciante da aldeia, por ser a única que vivia discutindo com a Teresinha (as causas, ninguém as conhece); por fim, Njila, o único velho solitário do bairro, um quase ninguém. Não tinha família e vivia fazendo biscates desde que veio de Golumane. O velhote nunca falava de suas origens. A única vez que as pessoas o viram ter contacto com um parente, foi quando recebeu encomenda do seu filho que vivia na *Ngope*¹⁴ nas vésperas de natal.

Sabe-se que Njila havia recebido uma cesta básica de cabaz que continha vários produtos alimentares, vinhos e duas grades de cervejas. Diz a lenda, que o mesmo vivia poupando aquelas cervejas como se fossem ovos de dragão e, gabava-se aos seus comparsas da bebedeira, de que era o único na Muquiama que

usufruída da melhor cerveja de Angola. No entanto, os marujos incluíram-no a lista, porque não fazia mais nada para além de trabalhar e encher-se de bebidas. Durante o dia é só um velho beberão, e se sofre metamorfose durante o meio da noite?

Tendo sido feita a lista, os dois avançaram com a vigilância, acompanhavam todos os movimentos dos visados. Canana por sua vez estendeu a lista de tarefas, começou às pesquisas para a descoberta de um utensílio que pudesse servir de arma para derrotar um daqueles monstros, caso o avistasse. Fez uma fisga de borracha, utilizando um robusto tronco a fim de arremessar pedras maiores. Pegou uma boa quantidade de *massassa*, torrou sobre o fogo e transformou-o em pó. Misturou com pedrinhas e amarrou sobre sacos. Fez várias munições redondinhas, de iguais tamanho e carregava por onde quer que fosse, para servir de munições no combate contra o dikixi, o kinzadi e todos os monstros do mundo.

A *massassa* é uma planta espinhosa, as copas das folhas são sensíveis ao toque humano. Existem em grande quantidade na aldeia e arredores, variedades delas, cada uma com a sua intensidade no contacto. Quando colocamos uma das folhas em contacto com a pele, dá uma sensação de queimadura, aquilo podia arder a zona de contacto por longos minutos e quando estão secas a intensidade é ainda maior. É bem diferente do feijão-maluco, mas a sensação é quase similar.

Canana tinha tudo pronto para enfrentar o monstro e no confronto, utilizar aquela solução para tirar vantagem do adversário. Quando o mesmo perdesse o controlo com o impacto do primeiro golpe, do tiro certo, usaria a sua catana para esquartejá-lo em pequenos pedaços de carne, para nunca mais assombrar qualquer espécie humana. O caçador tinha quase a certeza de que aquilo resultava e que ninguém tinha sido tão ousado em experimentar tal fusão no combate aos monstros, era um grande trunfo para ele.

Muito tempo se passou, os meninos sempre atentos aos principais detalhes. Quem é o dikixi de Muquiama-Samba? Canana e o amigo tinham chegado a conclusão que as buscas não tinham sido de grande proveito, não haviam descoberto nada de especial, nem se notava qualquer comportamento suspei-

to, a lista sombria continuava intacta. Tudo e todos pareciam normalíssimos aos olhos deles e isso não agradava o pequeno Kongo.

Teresa não tinha sofrido nenhum ataque adicional, tinha retomado a sua rotina normal de vida, embora se fazendo acompanhar constantemente do esposo quando o assunto era deslocar-se para a lavra.

Numa noite como qualquer outra, Canana cansado de ficar sem nenhum sinal do monstro, de tanto procurar por suspeitos, pelas pessoas, sem sucesso, decidiu tomar uma posição mais extrema. Ao meio da noite, levantou-se da cama, num silêncio absoluto, sem deixar ser notado por qualquer membro de casa, abriu vagarosamente a janela e saltou para fora. Os irmãos nem se mexeram, dormiam como uma pedra. Canana ainda parou do outro lado de fora, ao pé da janela para confirmar se ninguém acordara. Deu a volta para o outro lado, adentrou à cozinha e resgatou a fisga, avançando no meio do bairro, no escuro, com grunhidos de insectos a ecoar no vão do ambiente, tornando-o sombrio e medonho. Olhava para todos os cantos enquanto arrastava os leves passos, temia, mas nada o impedia de prosseguir. Minutos mais tarde, com a respiração ofegante, mais ainda por conta do nervosismo, chegou ao lugar de trânsito proibido àquelas horas, o santuário do mal. Um dia antes, tinha sugerido a mesma coisa a Mabonzo, pediu que o acompanhasse lá, inspecionar aquele espaço, porém, o companheiro rejeitou, alegando que havia prometido aos pais que jamais encostaria ali.

— Meu amigo, não é chegado o dia em que quebro a promessa que fiz ao meu pai. Além disso, todos aqui no bairro estão conscientes sobre estes limites estabelecidos, são coisas de longa data. Ninguém desobedece a ordem do soba.

O rosto de Canana revelava-se descontente com a posição do amigo, pelo que simplesmente meneou a cabeça, aceitando e retorquiu em resposta:

— Tudo bem. Eu não prometi nada a ninguém, posso muito bem lá ir. Até porque acho que essa proibição só serve para vocês que são natos do bairro. São tradições só vossas.

Ali no santuário, um completo silêncio envolvia o ambiente, em melancólico som, como uma canção de embalar, mas não era incomum, tinha o gosto de todas as noites, como qualquer outro dia, em qualquer lugar. Não havia nada de especial, nem mesmo o som ecoava sobrenatural, só o bramido silencioso do vento espalhado no vão, a noite fazendo “noitices”. Canana mirou para os lados, escrutinando os detalhes, as árvores, os arbustos, o céu acizentado, o fraco luar que escondia parte do seu nobre rosto entre as camadas mais densas das nuvens. A noite roncava como um bebê. Este espaço está aqui simplesmente para causar medo às pessoas, nada além disso. Tudo o que se fala não passa de mito, não há nada de sobre-humano aqui. Nada!, cogitou.

Congo permaneceu imóvel, com a fisga armada nas mãos e a catana em lâmina de aço afiada embainhada à cintura. Observou aqui e acolá, cada detalhe, desceu mais um pouco, monte abaixo e ficou ao pé de uma árvore de mafumeira, defronte, uns metros mais além, havia outra árvore de mibombolo derrubada, já seca.

— Nem dikixi e muito menos kinzadi, somente eu e a natureza roncando no meio da madrugada — disse quase em sussurro.

Mais alguns minutos se tinham passado, Kongo decidiu deixar o santuário, dizendo a si mesmo que se aquilo que dizem sobre aquele lugar fosse realmente verdade (se o dikixi ou os makixi existissem), teria sido comprovado ali, naquele exacto momento.

Já tinha visto de tudo, concluía que aquele lugar não passava de um falso santuário.

Virou-se por onde saía, era hora de retornar para casa e pensar no próximo movimento, pensou nisso mesmo antes de mover qualquer passo. De súbito, naquele movimento, mexeu só um diâmetro partindo do lugar onde estava, e foi surpreendido com uma gigante palmada no lado esquerdo do rosto, impelindo-o para o outro lado, a alguns metros. Ficou atordoado, mas o caçador era duro de roer, nem a queda nem o violento golpe o fez desfazer-se da fisga. Rodopiou quatro vezes no chão, distanciando-se do presumível inimigo sem

mesmo puder identifica-lo, um movimento vertiginoso e quase instintivo. Mirou para cima, uns palmos à frente, estando já levantado e viu a coisa. Um assombroso monte negro no lugar onde estava de pé antes do embate. Uma sombra que se julgava ter seis olhos vermelhos, pernas avantajadas, um ser deformado, nunca antes visto. No ar, na camada de vento que bafejava múltiplas camadas geladas, um odor forte, nauseabundo, um banho de podridão exalava como se saísse sorrateiramente da boca daquele “monstro.” Ou das bocas? Canana, ofegante e trémulo, tentou indagar a fera, queria perceber o que realmente era aquilo, de que era feito, se ao menos falava a língua dos homens, mas a voz não saía, a garganta ficou endurecida, seca e presa (proferiu até algumas palavras que se traduziram em mímicas), e a força motora parecia ter reduzido, como se estivesse enjaulado num ninho de feitiço, daqueles que ele só ouvia falar de longe. Kongo lembrou-se finalmente das referências da Teresa, toda aquela sensação, tudo o que estava a passar naquele momento reforçava a teoria, era um dikixi?

A fera aproximava-se cambaleante em sua direcção, arrasava os passos, rosnava e bufava. O menino, apesar da nuvem de vulto que lhe cobria a visão, fez bocado de esforço (com o coração a bater forte, quase que saindo pela boca, o olho esquerdo pingando o sangue que lhe escorria do ferimento no canto da face, resultante do arranhão, daquilo que parecia ter sido mesmo uma bofetada), puxou a físga, apontou para o adversário, esticou a borracha com toda a força e largou no meio daqueles olhos. As pedrinhas despedaçaram-se nas cabeças do monstro, produzindo bastante poeira da massassa, mas sem causar nenhum efeito à vítima que avançava aos bocados.

O monstro soltou uma aguda gargalhada e, servindo-se da sua voz grave e assustadora, gracejou: — Um dikixi como eu não pode ser derrotado por um simples KONGO! Desiste das tuas aventuras ou serei obrigado a plantar os teus ossos na aldeia de Kachiungo!

E pronto, estava dito, era mesmo o que os meninos procuravam. Canana, tentou em vão esquivar outro safanão, este, atingiu-lhe a boca do estômago e o mesmo caiu alguns metros ao lado. Ficou atordado e completamente ferido, sangrava na

cabeça e no ventre. A fisga tinha saltado das mãos, desta vez desconseguira controlá-la. Já em profunda agonia, com dores a atravessarem em todas as partes do corpo, observou a fera, os seus rostos desfigurados, as três cabeças, a respiração ofegante, tentava compreendê-lo, encontrar alguma familiaridade naquilo... Um bicho estranho!

Os dois oponentes fuzilaram-se com o olhar por alguns segundos, os movimentos vitais de Canana galopavam cada vez mais fracos. O monstro ficou em pé (bem perto do menino), inerte, apenas a apreciá-lo, a admirar a proeza da sua coragem. A fera era enorme, parecia um grande pesadelo para Canana. Definitivamente, não era o fim que havia imaginado. Naquele momento, enquanto observava, pensou em muitas outras opções que tinha, em todas as escolhas da sua vida, lembrou que poderia ter sido um adolescente normal como outros, deveria somente ocupar-se da caça que ia muito bem, recordou que, naquela altura, àquele momento, estaria num bom sono da madrugada e evitaria a dor que estava a sentir. Eu deveria levar em consideração o conselho do Mabonzo, mas sou tão teimoso!, suspirou, e a voz soou áspera. O amigo suplicara-o tanto para afastar-se daquele lugar, mas não cumpriu. Tudo estava perdido naquele momento, era tarde demais, sentia a vida esvair, estava por um fio, sabia-o, morreria sem saber a verdade. Praguejou, o monstro vai continuar a aterrorizar as pessoas, mas até quando? Será ele invencível?, perguntava-se no interior. Uma dor agonizante rasgava o seu corpo inerte e indefeso, não podia fazer nada.

O *kandenge* estava nas mãos do dikixi, avisos não lhe faltaram, o seu corpo jazia recostado no pedaço da árvore de mibombolo. Minutos adiante, Kongo ergueu um pouco a cabeça e fitou firmemente o adversário, olho nos olhos. Depois quebrou ele mesmo o silêncio, proferindo de forma corajosa, em voz branda, quase em sussurro: — Dikixi, eu voltarei...

Canana apagou!

VIII - CAÇAS E KINDEMBE

ESTAVAM NA época das festividades natalícias, Dezembro, para as crianças e adolescentes, a melhor época do ano. As ruas, na aldeia de Muquiama-Samba são habitualmente decoradas com ramos, jangos temporários à volta do campo e as faixadas que atravessam os três bairros também ficam banhadas de arbustos de palmeira, cestos artesanais e o chão das avenidas sofrem limpezas todos os dias. Há, dentro da comunidade, uma espécie de cozinhas colectivas e os vizinhos vão trocando visitas frequentes, principalmente os mais pequeninos e parentes. Também tem sido costumeiro, nas vésperas, os caçadores juntarem-se para uma caçada colectiva, estes partem para as selvas mais longínquas, poucas vezes exploradas e menos frequentadas, bosques perigosos para quem viaja sozinho. Normalmente, estas caças podem durar dias. Os populares vão em comitivas pela selva e retornam quando tiverem conseguido carne suficiente para a partilha na comunidade. São os chamados *ndunda*, em que cada família envia, pelo menos, um membro para participar, mesmo que seja para desempenhar pequenas funções (como cozinhar, acarretar água, procurar lenha ou carregar ferramentas), porque nem todas as famílias tinham um membro caçador e no ofício da caça são necessárias habilidades diversas. Aquelas famílias muito pequenas e que não podem deslocar-se para essas actividades, como as famílias de idosos, por exemplo, também são beneficiadas pelos vizinhos mais próximos que participam da caça.

Para aquelas caçadas, os integrantes carregam utensílios de metais, catanas, redes e, também cães devidamente treinados para a empreitada. Postos na selva, são divididos em grupos. Com os proprietários das redes ficam alguns acompanhantes para ajudar a segurar os bichos, estes podiam ser uma ou mais pessoas, dependendo do tamanho da rede e da complexidade do lugar onde armadilhavam.

No outro lado da selva ficam os *ngangambwa*, as pessoas cuja a função é entrarem no outro lado da selva, fechando o cerco, fazendo barulhos através de gritos, canções e batimentos com pedras, paus, instrumentos musicais, outros utilizando cães para enxotar os animais em direcção as redes e capturá-los.

No fim do dia, depois de longas caçadas, longos quilómetros percorridos e, às vezes, sem paragens para o almoço, o colectivo faz a divisão da carne capturada, cada um recebe a sua parte de acordo a participação no núcleo. Os *ngangambwa* ficam com os membros superiores dos animais, os donos das redes, as pernas, cabeças e alguma parte dos órgãos interno tais como: fígados, rins, coração, etc. Outra parte do pessoal, recebe pedaços das restantes partes do corpo. Aos cães, são entregues os órgãos internos e é separada alguma parte da carne destinada para o consumo, enquanto permaneciam naquela actividade.

A quantidade de carne a ser levada para casa era fumada ou grelhada para melhor conservação. Nestes tipos de empreitadas, findo o grande *ndunda*, os caçadores levam para casa carnes de todo o tipo de animal, desde os mais pequenos aos maiores como: kibiji, macacos, javali, kasexi, etc. e voltam para casa orgulhosos pelo sucesso da missão. Para qualquer membro na comunidade, é sempre uma grande honra fazer parte de uma dessas expedições, mesmo que não se tenha desempenhado papéis de destaques. Até os últimos ajudantes sentem na pele o espírito de caçador ao voltar do *ndunda*.

O rei Sol anunciava a sua retirada, já só aparecia como uma fraca bola de fogo lá ao longe, à Oeste, bebendo da água salgada no atlântico. Depois de vários cercos, tinham conseguido capturar alguns animais, para o primeiro dia um bom número, um bom início de caça. Mbueji era o local escolhido para aquele *ndunda*, famoso pelos seus densos bosques e abundância de animais diversificados. Vivem ali também os animais mais perigosos da selva. Canana caçava como *ngangambwa* e tinha desempenhado o seu papel de forma exemplar, como um Kongo, conforme deve ser. O seu amigo, Mabonzo, era igualmente *ngangambwa* e fazia-se acompanhar do seu cão, Ngodilo, um dos cães mais velozes do bairro (veloz e forte, um caçador de gema). Ngodilo era bastante produtivo e era realmente famoso

por isso, nas caças individuais já agarrou incontáveis bichos para o dono. As pessoas na aldeia elogiavam aquele cão, não só pelas suas habilidades em pegar as vítimas, mas também pelas suas feições, que deixavam as pessoas admiradas. É um cão bonito de dar gosto, macho de pelos brancos no corpo e preto em toda a extensão da cabeça. Tinha uma cauda amputada, trabalho do pai de Mabonzo (feito quando o animal ainda era um bebê). Os populares alegavam que era um cão estrangeiro, pois não parecia ser uma raça oriunda do bairro e, muito menos, se parecia com a Perseguida, a cadela que o teve. Perseguida era muito preguiçosa, não servia para a caça, sequer tinha feições iguais ao filho, era quase impossível uma pessoa estranha acreditar que aquele mamífero era filhote dela. Ngodilo era um cão especial, com um valor igual a um cão policial só visto nos filmes.

Alguns aldeões maldosos teciam comentários de elogios excessivos só para irritar o *kota* que havia cedido o cão. Segundo relatos, após o cãozinho ter crescido e se tornado tão famoso, aquele velhote queria recebê-lo novamente por conta da agitação das pessoas. O pai de Mabonzo teve de pagar um monte de *macrueira* para frustrar as suas pretensões e o velho como era preguiçoso no campo, preferiu os mantimentos em detrimento do cão.

Naquele primeiro dia de caça, foi Ngodilo quem mais empurrou animais para as armadilhas. No final do dia, Mabonzo foi o *ngangambwa* mais bem compensado e aplaudido, o único que conseguiu logo seis membros superiores, três deles de *kibi-ji*. Mal havia começado o *ndunda* propriamente dito, o menino já tinha bastante carne para à família.

Canana, por sua vez, havia sido recompensado com três braços, um de *kibiji* e dois de *kasexi*.

Terminado o primeiro dia de caça, já no início do crepúsculo que trazia a lua cheia de presente, embalando os bosques com a sua majestosa luz que atravessava as frestas em pequenos desfiladeiros, deslocaram-se ao local de acampamento. Era um recinto aberto, ao pé de uma enorme pedra com uma espécie de depressão no meio, que servia para dormitório ou esconderijo das chuvas. Deram início ao tratamento da fogueira para o jantar colectivo.

A refeição era o esperado, funje de bombó com carne cozida, havia variedades de molhos (de acordo às espécies carnes disponíveis) e, como não podia faltar, o tão aclamado *ditóbo* (molho sujo), feito com os órgãos internos de *kasexi*. O manjar era acompanhado com *malavu*, embora houvesse ainda quem levasse outras bebidas tradicionais como o *kaporroto*, a *lungwila*, etc.

Depois das refeições, os caçadores reuniam-se à volta de uma enorme fogueira, conversavam e entoavam cânticos de caça no idioma tradicional. A maior parte das canções naquelas ocasiões, as mais conhecidas eram sempre cantadas no idioma local, o kimbundu. Havia danças, músicas e instrumentos como batuques para acompanhar a ceia. Era o chamado *kindembe*, os cânticos e as danças dos caçadores.

Naquele momento, enquanto outros caçadores estavam a celebrar o primeiro dia de sucesso na incursão, Canana, sem se despedir de ninguém deixou aquele lugar com o intuito de averiguar o perímetro. Queria conferir se podia ver de longe os potenciais locais onde podiam começar a caçada no dia seguinte, pensa-se que aquela tarefa de decidir por onde começavam havia sido atribuída a ele. Mas, o marujo cometera um grave erro ao sair daquele emaranhado de gente se despedir, nem ao amigo Mabonzo e muito menos ao seu pai, Firmino, que também participava do *ndunda* e naquele momento comemorava junto do colectivo com o seu copo de *malavu*. Não o quero incomodar, sequer me vou demorar, foi o que o Kongo pensou enquanto olhava para o pai de longe antes de partir.

O pequeno caçador meteu-se a galgar o monte que fica a alguns metros do acampamento, não menos de duzentos metros, distanciando-se do colectivo. Levou consigo o seu bem mais precioso, a sua catana laminada para talhar até o mais duro dos bichos e subia cuidadosamente até chegar ao cume do monte. Ali no cimo, por detrás, havia um penhasco que o caçador simplesmente ignorou, com a pressa de escrutinar a selva que se mostrava à vista. Pôs-se a olhar a baixa, marcando os pontos, sinalizando com a cabeça e apontando com a catana.

— Podemos começar ali e, depois, estendemos o cerco para lá — disse, balbuciando um bocadito, as palavras falhavam, era do cansaço?

Depois, deu um leve passo para trás sem escrutinar para onde pisava, olhou para o céu limpo, a lua naquele estado é um diamante para os olhos. Agradeceu aquele clima, melhorava a sua missão porque podia enxergar bem longe com tamanha nitidez. Encolheu os ombros em gesto de que já era o suficiente e virou-se para onde saía. Pensava em retornar.

— Tu não desistes, Kongo! Era suposto estares do outro lado, ali na *maiombola*¹⁵! — Canana não entendeu nada, as vozes, divididas em rajadas de ecos pareciam vir de todos os lugares, em sons medonhos.

Canana permaneceu em silêncio, debruçou-se a vislumbrar à volta. Ouvia os ruídos dos passos que crepitavam sobre as árvores secas. Quem é o indivíduo que proferia aquelas palavras, que voz estranha e animalésca é essa? Cogitava. O coração galopava cada vez mais intenso, desejava gritar pelo colectivo, mas conteve-se. Não posso dar a entender a quem quer que seja que eu tenho medo, não posso expor-me como um fraco!, pensou. Ergueu a mão direita com a afiada catana e foi apontando enquanto rodopiava. O suor, como se tivesse vida própria, escorria na epiderme como água.

— Quem está aí? Apareça! Não tenho medo de si, apareça! — exigiu em voz branda.

O caçador não reparou que enquanto se movimentava, estreitava a distância entre o solo firme e o penhasco, deu só dois curtos passos para trás e, subitamente, resvalou naquele rasgão que parecia uma infinita fenda. Ele caía, rolava aos gritos, desesperado e com a certeza que aquela queda seria o fim dos seus dias de glória. Mesmo assim, continuava a gritar, tão alto quanto podia...

Aquela foi a queda mais longa de todos os tempos, como que num buraco infernal e, ao mesmo tempo, mágico. Canana avançava para o fundo, num descarrilamento que durou alguns minutos até ele, meio que assustado com a longa profundidade

15 Uma espécie de purgatório ou inferno, reza a lenda que as pessoas enfeitizadas são enviadas para lá

e com a demora no embate, resolveu fechar os olhos, negava-se a assistir o choque. E, quando lhe pareceu que havia chegado finalmente o momento do arremesso no rígido solo e espalhar todo o seu corpo em moídas carnes, sentiu um silêncio. Como que num abismo fechado. Abriu freneticamente os olhos e, rapidamente, com a visão meio turva, notou que estava entre quatro paredes. É uma sala, com aparelhos luminosos, pequenos sons electrónicos, vozes. A boca e o nariz estavam cobertos com um aparelho, e as mãos pareciam presas sobre a cama, tentou movê-las, não teve sucesso, fez o mesmo com as pernas, também pareciam amarradas. Cada minuto que passava via com mais nitidez, e as vozes lá no fundo soavam mais audíveis.

— Doutor... Ele acordou!

— Finalmente!

Era a voz da dona Margarida, sua mãe, conversava com um senhor uniformizado de branco, usava bata, luvas e gorro. O senhor uniformizado aproximou-se a ele e sorriu. Pediu educadamente que ele movimentasse os dedos. Ele assim o fez, com as duas mãos, e fez o mesmo com a perna.

— Tia Margarida, pode aproximar-se.

O doutor falava e acenava com a cabeça, indicando em direcção ao filho. A mãe, com os olhos inundados de água, tentava conter-se, mas rapidamente as lágrimas escorriam-lhe sobre o rosto, encostou-se a cama do filho e começou a agradecer a Deus, proferindo palavras em umbundu, uma mistura, como é o habitual na aldeia, o abraço do português e os idiomas tradicionais.

— Ndapandula! Deus seja louvado, vinte e dois dias de incerteza, já não acreditava que o meu menino resistiria, por pouco desistimos! Aleluia!

Canana que assistia a tudo ali na cama, quase inerte, percebeu então o que se passava: o tempo todo estava em coma, o penhasco e a caça como um todo, não passava de um pesadelo.

“Aquele maldito dikixi quase acabou comigo!”, pensou, fechando os olhos que também deixaram escapar gotículas de lágrimas. Estava confuso, era ainda muito cedo para perceber se chorava para celebrar o facto de estar vivo ou de ter perdido a batalha.

IX - A PROVA DE SANGUE

DOIS MESES DEPOIS, Kongo recebeu ansiosamente a esperada alta. Doravante, ali na unidade hospitalar, sob o cuidado e olhar atento do médico que o acompanhava, manifestava-se impaciente, questionava quando iria seguir em liberdade (no entender dele, estava a viver uma espécie de cárcere forçado). Kongo achava-se curado fazia tempo, sentia-se pronto para partir para casa, junto da família e da sua comunidade. O especialista que o acompanhara em todo o processo de recuperação, deixara bem claro que ele só sairia, quando tivesse a certeza de que estava totalmente recuperado, alegando que os ferimentos tinham sido muito graves e que, mesmo que parecesse sarado por fora, no interior ainda precisava de mais cuidados e mais tempo. Não podia simplesmente deixa-lo partir. Sabia que assim que o fizesse, negligenciaria as recomendações e poderia forçar a enfermidade. O doutor tinha sido alertado pela dona Margarida sobre a sua teimosia. Portanto, teve que permanecer mais um bom bocado em observação.

No seu primeiro dia de regresso a casa, a primeiríssima acção de Canana foi procurar saber junto dos pais, de como haviam tomado conhecimento do incidente naquele dia. Como haviam descoberto o seu corpo?

— Estavas desmaiado e coberto de sangue — respondeu Firmino. — Foi a tua mãe que te encontrou de madrugada, aí mesmo, lá fora, cheio de sangue. Foi terrível ver-te naquele estado, um susto para todos. A tua mãe quase desmaiou.

— Foi realmente muito estranho, filho — comentou a mãe —, foi estranho não termos ouvido barulho algum, nenhum grito teu durante toda à noite, sequer nos apercebemos que havias passado à noite fora. Até onde me lembro, naquela noite, todos estavam em casa quando as portas foram fechadas. Foi o teu mano Segunda quem o fez, lembro-me muito bem, como se fosse hoje.

Às cinco da manhã, quando a velhota Margarida abriu a porta para começar a jornada, deu um grande grito, tomara um susto ao ver o filho prostrado, inerte sobre o seu próprio sangue. Minutos depois, quase todo o bairro apercebeu-se do trágico acontecimento e a casa daquela família estava cheia de gente. Removeram-lhe do lugar, ainda inconsciente e dirigiram-se para o hospital dos Dembos.

Enquanto caminhavam a pé em direcção aos Dembos, escoltados por alguns representantes do bairro, por sorte, apareceu um IFA que seguia em direcção à Bula-Atumba. Tinha sido a salvação do menino Kongo. Jamais teriam conseguido chegar a tempo de salvá-lo caso apegassem, sendo que levaria aproximadamente três horas, caminhando até aquela localidade.

“O malvado pensou que eu estava morto. Tirou-me do santuário do mal e veio deixar-me justamente na porta da minha casa, impedindo quaisquer suspeitas daquele lugar moribundo... Um dikixi muito esperto”, matutou o Kongo.

Pelos relatos da família, desde aquele dia, todos no bairro têm tentado perceber que bicho o havia atacado na porta. Houve, inclusive, uma reunião do elenco sobado em que designaram uma comissão de inquérito sobre o acontecimento, mas a investigação não deu em nada. No entanto, os seus pais garantiram que todos estavam engajados nas orações para que ele recuperasse e esclarecesse o que houve naquela madrugada, naquela noite. Havia uma ameaça no bairro e isso preocupava a todos.

Canana manteve-se quieto, sigiloso com o ocorrido, tudo o que sucedera naquele santuário, por segurança, fazia agora parte do seu baú de segredos, cerrado a sete chaves. Ele lembrava-se de todo o episódio com o monstro, as palavras, o fedor, a voz aguda e assustadora, os olhos vermelhos e o corpo animalesco. Lembrava-se do golpe que o feriu também, excepto o momento em que foi movido e posto na sua porta. Tinha apagado logo depois do golpe, é o mais provável, pensou. Ainda assim, resolveu dizer a todo o mundo, inclusive aos seus pais, que não se lembrava de nada.

— Lembro-me de poucas coisas, nada que faça a diferença ou explique os ferimentos. Era já o fim da tarde, fui ver

as armadilhas de ratazana, aqui nas proximidades, depois que anoiteceu, não me lembro de nada. Talvez tenha adormecido pelo caminho, talvez tenha apagado no momento de ataque. Mas ataque de quem? Do quê? Não sei!

— Mas, filho, dormir assim nas matas, isso é coisa de mais-velhos, acontece quando estão bêbados, mas tu não, nunca foste de dormir em algum lugar qualquer.

— Mãe, o que eu posso dizer? Não sei o que houve. Simplesmente não sei.

Os pais chegaram a pensar que as memórias do filho viriam com o tempo, como um *déjà-vu*. Por isso, aconselharam-no a não retomar às caças por algum tempo. Eles desconfiavam que, apesar do ataque ser misterioso, o menino estava a viver algum tipo de perseguição. Então, no entender deles, precisava ficar maior parte do tempo em casa, de vigia, sob o olhar dos irmãos.

— Passa a ficar cá em casa, pelo menos por um curto período de tempo. Se quiser ir a algum lugar, leva o teu irmão mais-velho.

— Está bem, pai.

Com a sua astúcia, com todo aquele argumento bem elaborado, Kongo conseguiu enganar quase todos, ocultando a verdade dos factos, pelo menos pensava que conseguiria ludibriar a todos, mas não foi assim com o seu amigo Mabonzo. Este, assim que tomou conhecimento do incidente, naquele dia (lembrando-se do convite anterior do amigo), dirigiu-se ao santuário do mal (mas sem notado, claro), queria evidências, queria perceber a gravidade da situação, confirmar as suas desconfianças. O santuário é o primeiro lugar que lhe veio à mente. Por baixo daquele sol, caminhando aos passos lentos como quem não quer nada, como se estivesse apenas de passagem, alarmou-se com a descoberta. Havia sangue, rastos, pegadas incomuns, arbustos quebrados, parecia um local onde os gladiadores pelearam com fulgor as suas batalhas!

Afinal era verdade, aquele lugar era realmente mortal conforme as lendas. Mabonzo teve a certeza de que fora ali onde o amigo enfrentara fosse o que fosse e saiu ferido daquele jeito. No entanto, ele tentava igualmente perceber o insólito: como Canana conseguira chegar a casa, estando ferido daquele jeito?

Aquilo foi um acto muito corajoso, quase que heróico. De uma forma natural, seria impossível ter-se locomovido até ali, tendo em conta os seus ferimentos e a quantidade de sangue espalhada no chão do santuário.

Ainda assim, tal como o audacioso e teimoso amigo, Mabonzo decidiu não contar a ninguém a sua descoberta. Manteve-se calado o tempo todo, calado e com medo, porque sabia que assim que conheceu o que realmente ocorrera, embora não tendo a certeza do que tenha atacado o companheiro, tornara-se vulnerável. Certas verdades nunca deveriam chegar aos nossos ouvidos. A minha boca é um túmulo, a primeira tentativa que eu faça para contar sobre isso a alguém, estarei morto, pensou.

Na aldeia, nenhuma outra pessoa encostou naquele lugar, ninguém cogitou sequer. Todos preferiram inventar teorias. Uns diziam que o menino tinha sido atacado por uma *pakasa* ou um *nzamba* e muitos preferiam acreditar naquelas histórias absurdas e infundadas.

Firmino havia contactado o Mabonzo na qualidade de melhor amigo do seu filho, após o incidente. O velho procurou saber se ele sabia de alguma coisa, se naquela noite haviam saído juntos ou se, pelo menos, o seu filho havia comentado alguma coisa que lhe parecesse incomum, algo ligado ao plano de sair à madrugada.

— Não me lembro de nada, papá Firmino — Fora a resposta de Mabonzo.

Por um lado, não queria ter a responsabilidade de anunciar as pessoas que havia dikixi na aldeia. Por outro, receava que, se assim o fizesse, seria a próxima vítima. Afinal, o amigo queria tanto ter esse encontro com a fera e conseguiu-o, por isso mesmo, pagou aquele preço. Morria de medo só de pensar nisso.

— Não posso passar pelo mesmo! Não vou arriscar a minha vida para ter o mesmo destino!

— Tive um encontro com a fera em que poderia ter sido morto. Mas, felizmente, estou em vida e pronto para ter uma nova reunião de ajustes de contas com o bicho. O que eu posso dizer-te é: neste segundo encontro, não serei derrotado!

— Canana confiou tais palavras ao Mabonzo, quando este o confrontou sobre aquele incidente.

O amigo tentou persuadi-lo a partilhar a verdade com os mais-velhos, pelo facto de ter sido ele a encarar o monstro.

— Jamais! Mabonzo — fitou firmemente o amigo, com um olhar cruel, enraivecido com a insistência do kamba —, não ouses contar a ninguém sobre isso, sabes muito bem o risco que corres só pelo facto de me questionares sobre o assunto! Pára agora mesmo!

— Canana, por favor! Desiste dessa tua ideia suicida. Teres estado em coma por quase um mês deveria servir para colocar um pouco de juízo nessa tua cabeça!

Mabonzo sabia que o amigo estava a meter-se numa jogada extremamente perigosa e isso deixava-lhe cada vez mais assustado e preocupado. Como alguém que tenha corrido risco de vida, pode mostrar-se tão teimoso?

— Será que não amas a tua vida? Viver não é importante para ti?

— Mabonzo, o bairro inteiro corre perigo, tu corres perigo. A vida de cada um de vós importa-me, a vossa segurança importa-me.

— Tu enfrentaste-o, sabes muito bem que vai ser quase impossível fazer alguma coisa sobre isso. Ou te esqueceste do que te contei sobre estes monstros?

— Olha, amigo, por isso mesmo é que não quero te dar nenhum detalhe a mais, já basta, já te expuseste de mais. Quanto menos souberes, melhor.

— Tu também deverias fazer o mesmo, deverias esquecer tudo e seguir a tua vida.

— Como se o bairro estivesse em segurança?

— Canana, nunca, ninguém tinha sido atacado dessa forma desde que eu nasci. Nunca, só tu!

— Fica nas tuas, Mazombo, por amor de Deus! Afasta-te disso. Já basta eu envolvido nisso, faz de conta que eu também esqueci e me deixa seguir os rastos, fazer o que mais ninguém fez. Só me promete que nunca mais iremos falar desse assunto? Não te quero metido neste assunto, prometes?

Mabonzo simplesmente encolheu os ombros e permaneceu em silêncio, assustadíssimo com a atitude do amigo, parecia outro, um renascimento de um novo Canana desde a recuperação. Perdera parcialmente o irmão.

Passados alguns meses, já não se falava mais sobre o incidente. As buscas haviam concluído que os rumores eram certos. O menino tinha sido atacado por uma *pakasa* ou outro feroz animal. Pelo que, havia um grupo de pessoas que defendiam que armadilhas potentes deveriam cercar a aldeia, a fim de proteger os populares sobre futuros ataques e assim o fizeram. Minaram o bairro com armadilhas.

Durante muito tempo, nenhum bicho havia sido capturado, sequer havia pegadas de bicho algum que tenha se aproximado da comunidade. Muitos haviam abandonado aquelas recomendações. Com o tempo, tais armadilhas apodreceram sem nenhuma utilidade. Canana, por sua vez, decidiu recomençar as investigações. Aquele acontecimento tinha reforçado ainda mais a vingança para com os makixi e todos os místicos monstros na face da terra. Retornara à caça, não de forma oficial, quase sempre que se deslocava para os matos, sequer fazia armadilhas para apanhar os bichos, dedicava maior parte do tempo a melhorar a sua fisga, enquanto procurava por outra arma ou alguma planta que servisse de fraqueza para o seu inimigo mortal, dikixi.

De forma inteligente, substituiu a *massassa* por algo que fosse mais doloroso, que causasse mais impacto no contacto, o feijão maluco, das densas matas do Mbueji. Torrou exactamente como havia feito com a *massassa*. Desta vez, fez um embrulho de pedras maiores e laminadas manualmente, juntando à volta o todo-poderoso pó de feijão-maluco. Tendo em conta o tamanho da fera, precisava ter pedras maiores que ferissem com mais profundidade e letalidade. O artista também percebeu que precisava treinar muito a sua precisão. Então, passou boa parte do tempo a caçar pássaros grandes com a fisga. Aquele treinamento passou a ser a sua ocupação, o seu passatempo.

Depois de algumas semanas de treinamento, conseguiu derrubar uma águia enorme que esvoaçava no céu. Sentia-se cada vez mais satisfeito com os níveis de pontaria que alcança-

va, julgava-se pronto para enfrentar o monstro e feri-lo mesmo a grandes distâncias. Desta vez não falharia.

— Quem é o verdadeiro dikixi nesta vila assombrada? — indagava Canana, enquanto matutava sozinho na selva, conversando consigo mesmo. Estava ansioso para o segundo encontro, pronto para enfrentá-lo e desmascará-lo aos olhos da comunidade.

Todos os dias, com o mesmo fulgor e determinação, como se a vida de toda uma nação dependesse só dele, apenas do que ele acredita, fazia todos os treinamentos com total empenho e discrição, para que ninguém acompanhasse os seus movimentos, ninguém podia saber os seus passos, nem mesmo o amigo, a fórmula, as preparações diárias e todos os pensamentos guardava para ele.

Apesar disso, de todo o secretismo, sempre que o amigo Mabonzo o via, questionava-se o porquê precisava de uma fisga daquele tamanho. Em compensação, Canana era enorme de fisionomia, tinha um corpo robusto, além do que a sua idade demonstrava. Mabonzo era um ano mais-velho, embora Canana parecesse ter cinco anos a mais. Era mais alto, corpulento e muito forte. Foi por esse motivo que o amigo achava justo a fisga que ele carregava, era de acordo a sua fisionomia.

O marujo desconfiava de todos no bairro. Para ele, qualquer um podia ser o seu inimigo. Por isso, limitava os seus contactos com as pessoas. A sua lista sombria havia sido preenchida novamente, mas, desta vez, com quase todos os nomes dos *makota* do bairro. Para ele, o dikixi era, de certeza, alguém já velhinho. Então, todos os *makota*, excepto pessoas afecta à sua família, podiam ser um daqueles monstros. Isso o intrigava... o facto de ser uma enorme lista, implicava redobrar o seu esforço de vigilância e moderar os passos. Às tantas, mal participava das actividades dos jovens adolescentes do bairro, inclusive, adia muitos encontros com o Mabonzo. Já não havia partidas de futebol, nem corridas de trotes para ele.

Noutro dia, num fim da tarde de sábado, Canana decidiu aproveitar da melhor forma o bom clima que se fazia (sol ameno, clima fresco) e aproveitou dar umas voltas pelo mato, ali nas lavras, a ver se conseguia capturar uma águia ou uma cegonha

para colocar o seu treinamento nos carris. O *kandengue* carregava dois tipos de munições: uma de pedras simples para matar os pássaros e a outra, que era a super-fórmula para derrotar o dikixi, banhado no pó de feijão-maluco. Normalmente, armava a mais letal, pronto para o perigo eminente. Só a substituía quando havia um pássaro à vista. A catana na bainha da cintura era já uma marca, não podia faltar.

Naquele momento, ele não queria saber dos pássaros pequeninos, só os de grande porte lhe interessavam. Só gastava as munições, caso aparecesse galinha-do-mato, perdiz, águias, patos... Ou até bichos de tamanhos consideráveis também.

Dentro do mato, andou por longas horas, de bosque em bosque, mas não tinha atingido ou capturado nada. Houve uma ou outra ave pelo caminho, mas, pela distância, não conseguiu acertar em nenhuma. O tempo passava num ritmo vertiginoso, tão rápido que o caçador mal dava por isso. Atravessou várias lavras, alcançando matas mais longínquas. Custava-lhe desistir da missão sem nenhum êxito, não perdera tempo saindo de casa para voltar daquele jeito. Caminhava a passos largos e vislumbra os bosques fechados.

Ainda assim, mesmo após o dia revelar-se escuro, com o anunciar da densa noite, não teve sorte alguma. Tinha sido um dia zero para ele, mais um dia em que não provara nada sobre a sua pontaria e como já era noite, resolveu retomar para casa.

Tinha que deixar a selva, atravessar outra vez as lavras e seguir, galgando a subida que lhe levava ao bairro. Ainda havia muito a ser percorrido. Pela primeira vez, em quase quatro meses, desde o dia em que recebeu a alta pelos ferimentos do ataque no santuário, que ele se encontrava na selva à noite. Canana ficou tenso no momento, ao lembrar-se disso. Os cantares da noite na selva tomaram conta do lugar, um urro de cigarras e outros insectos ecoavam nos seus ouvidos. Às tantas, já não estava acostumado com aquele clima, aquele murmurinho dos bichos. Um pequeno toque de nervosismo aflorou-se nas entranhas do pequeno caçador de Katchiungo.

Quando o caçador alcançou às proximidades das lavras, antes mesmo de deixar a selva maior, encontrou, pendurado no

caminho, bem à sua frente, a besta, provocando-lhe um enorme susto.

— KONGOOO! Eu ordenei para desistires das tuas buscas! — vociferou numa voz arrepiante, vozes, eram múltiplas e reproduziam-se como uma cascata — Agora, hoje mesmo, a tua teimosia trouxe o teu fim. A tua alma vai ser de grande utilidade lá na *maiombola*, irás trabalhar dia e noite sem cessar, eu vou certificar-me disso!

O bicho rosnava e grunhia de gana enquanto falava e a voz falhava algumas vezes, arrastava as palavras, aquele gigante, de pelos negros e três cabeças, que agora podia se ver com melhor precisão, parecia determinado a rasgar a garganta do menino *dilaji*.

— Tiveste a tua oportunidade, dikixi! Chegou a hora de te aposentares eternamente, tu e os teus poderes malignos, para nunca mais aterrorizar nenhum humano na face da Terra! — Canana respondeu, num grito audaz e corajoso, de seguida, sem dar mais tempo à fera, esticou a borracha ao fundo e fez a primeira tentativa de ataque.

A pedra atravessou ao lado, bem próximo ao ombro esquerdo do monstro, meio que lhe roçou os pelos e salpicou um pouco de poeira da fórmula letal nos olhos. A besta bufou e pôs-se a correr de forma violenta, rugindo em estridentes urros em direcção ao oponente. Canana deu meia volta numa grande árvore, livrando-se do ataque, correndo até um imenso pedregulho. Posicionou-se em silêncio do outro lado da pedra, observava os movimentos do dikixi que, acompanhado de grunhidos, esquartejava tudo à volta — pedras, capins e arbustos foram despedaçados no processo — e, de seguida, a coisa ficou imóvel no outro lado, olhou à volta, rodopiou três vezes e não viu o menino.

— Não há como escapares desta, seu ingrato! Eu salvei a tua vida patética naquele dia. Deverias ter seguido em frente em gesto de agradecimento, deverias ter sido mais inteligente! — Falava com a sua típica voz, riscada, majestosa, aguda e fazia pausas, como se estivesse a escolher cuidadosamente as palavras — Sinto o cheiro do medo! Ouço o teu coração bater, menino Kongo... sai desta maldita pedra ou quebro-te com ela ao meio!

Depois de ouvir aquelas palavras, com todos os ângulos colocados à medida da sua pontaria, uma valência que conseguiu com inúmeras repetições, Canana puxou violentamente a borracha da fisga, saiu num salto acrobático para o lado contrário e atirou a geringonça directamente para os olhos da fera, atingindo-lhe certeira e seguramente.

Aos gritos, o gigante monstro retirou-se imediatamente da arena de batalha e, enquanto se distanciava, transformava-se em humano, ao menos parecia que se transformava. O bravo Canana tentava afincadamente alcançá-lo com a sua catana desembainhada para finalizar o trabalho. Porém, não foi tão veloz e perdeu-o de vista, foi tudo tão repentino, como se o monstro que estava bem à sua frente desvanecesse num abracadabra. O dikixi mostrou-se mais pragmático.

O caçador, depois de procurar incansavelmente nas proximidades, a ver se encontrava o oponente, seguiu caminho, adiante, em direcção ao bairro, com o intuito de contar ao amigo e, juntos, andarem nas casas dos principais suspeitos, para conferir qual deles encontrava-se ausente naquele momento.

Ao chegar a aldeia, já quase sete horas da mesma noite, o caçador ponderou em passar primeiro em sua casa e, de seguida, seguir o plano. Ao chegar no leito da família, tomou conhecimento que o pai, Firmino, ainda não tinha chegado. A informação obtida é que o mesmo havia ficado por último na lavra.

— Eu pensei que vocês os dois tinham ficado juntos na lavra. Mas vocês os caçadores gostam de andar sem avisar, porquê?

A mãe, Margarida que reclamava do comportamento dos dois caçadores que tinha em casa, não sabia o que fazer.

— Bom, mãe, vamos aguardar, não tarda o papá está por aí a chegar.

Canana decidiu esperar pela chegada do pai antes de seguir a missão, conforme havia objectivado. Aproveitou para tomar um banho fresco, tentava manter-se calmo, mas não parava de pensar naquele momento, no confronto. Por pouco o matei! Mas quem será ele?

Às vinte e três horas daquela noite, não havia sinais do velho Firmino, deixando todos em casa preocupados. O *kan-*

dengue ficava cada vez mais tenso. Não havia contado nada sobre o que tinha acabado de enfrentar e nem tencionava fazê-lo, claro. No seu interior, desejava que o pai aparecesse naquele dia. Não podia sequer cogitar que o sangue do seu próprio sangue, pudesse tornar-se no seu potencial suspeito. Passou a noite toda em claro... volta e meia, olhando pela janela e prestando mais atenção, a ver se ouviria alguma voz ou grito do pai na vizinhança. Será que atacou o meu velho por vingança?, pensou apreensivo, já depois de atravessar a madrugada.

X - DUELO MORTAL

NO INÍCIO DA ALVORADA, sem, no entanto, ter algum momento de sono, o caçador levantou-se da cama, preparou a fisga, as munições e a catana, levou consigo o seu irmão mais-velho, Segunda, à procura do pai. Seguiram rio-perto abaixo, descendo pelo caminho do pomar de laranjal do velho Kikuxi. A luz do amanhecer era ainda fraca, com nuvens negras, acinzentadas e densas sobre o céu. O perfume exalado pela madrugada pulverizava-se pelo vão da atmosfera. Sentia-se o cheiro forte dos frutos amadurecidos, espalhados pela força do vento, o cheiro típico do capim verde de *junju*, das folhas secas do abacateiro (um afrodisíaco aroma), as gotículas de água caindo no chão, vindas das folhas de *mimono* e outras copas de arbustos pelo caminho. Quem não se lembra do *mimono*, naquela região, nunca teve uma febre tão alta, junto com uma forte constipação e tivesse sido obrigado a fazer *kifuto* das suas milagrosas folhas, para resolver o dilema.

Havia também, pelo caminho, pois os habitantes plantavam em demasia, plantas de *ngay-ngay* e de *kaxinde*, duas espécies cujas folhas proporcionavam chás típicos, apropriados para o manjar dos reis. O *ngay-ngay* reforça o estado imunológico, faz bem ao sangue. O *kaxinde* tem o odor mais doce da região, surreal.

A visão era limitada. Podia-se ver com nitidez apenas até duzentos metros de distância, pois havia muito nevoeiro e orvalho sobre o esverdeado das plantas ou pequenos arbustos. Via-se as vestes rotas dos dois soldados misteriosos semi-húmidos, roçando aquele capinzal de madrugada da vila de Muquiama-Samba.

Os bichos da selva estavam também a despertar-se. Ouviam-se cânticos do amanhecer, provindo dos cucus, *katwitwi* e *dikole*. A vida na selva é realmente digna de estudo e documentação. Ngana tinha sido detalhista de mais nos contornos da construção da vida. Cada horizonte é uma infinita obra de arte, até mesmo cada suspiro animal ou vegetal carece de estudo minucioso e apreciação.

Os meninos levaram metade do tempo habitual para chegar à lavra da família, pois eles andavam a passos largos, corriam algumas vezes, ofegantes, com o ritmo dos seus corações acelerados... estavam tensos e confusos sobre aquele momento que estavam a atravessar. Eles temiam que a família passasse novamente por situações tenebrosas iguais às da vila de Lucala. Por onde o pai se meteu?

Ao chegar à lavra, Firmino não estava em lugar nenhum, consultaram todos os possíveis atalhos. Nem na horta, muito menos no pomar de laranjal, onde era o seu lugar preferido de trabalho. O *kota* sempre dizia que as laranjas possuíam magia, tanto pelo seu sabor sumarento, assim como pela sua capacidade de nutriente no processo circulatório humano. Canana pensou nisso, pensou que seria bom que tivesse também magia de falar, explicar as ausências das pessoas.

— Papá! Oh, papáaa! — gritavam os irmãos, nos quatro cantos da fazenda e, infelizmente, apenas recebiam o eco das suas próprias vozes que se reproduziam no retorno.

A lavra da família estava posicionada num local perfeito para um ensaio de canto: era uma baixa extensa em forma triangular, não, rectangular, mas com uma das extremidades mais encurtada que as outras três, cercada por dois morros de forma oposta entre os pontos mais longos. A pessoa podia ter duas vezes mais o retorno do seu grito original se estiver bem posicionada.

Nenhum sinal do pai minutos depois de vasculharem todos os canteiros. Diferente do irmão, Canana ia discretamente verificando se havia vestígios de violência ou sangue. Procurava por alguma coisa diferente do comum, que pudesse colocar à prova as suas suspeitas. Tanto depois os pequenos resolverem retornar para casa de mãos vazias, assim como haviam chegado pela madrugada. Missão de resgate falhada.

O resto da família aguardava aflita em casa, torcendo que os meninos voltassem com o chefe da família ou com alguma notícia, esperança que se desfez logo após vê-los chegarem com os rostos desanimados.

Apercebendo-se do fracasso da missão, a família sentou-se e traçou alternativas para o passo seguinte. Canana decidiu

pegar os seus objectos de caça e tomar caminho para a selva do rio-loma, local onde ele e o pai mantinham algumas armadilhas, apesar de que, ao longo dos tempos, a sua rotina o afastou dali.

Canana fez o trajecto longo, escrutinando cada lugar conhecido. Andava tenso, desconfiado, se questionando do que teria acontecido ao pai e o que faria caso não o encontrasse ali. Viajou por algumas horas, atravessando todos os pontos estratégicos do velhote, tudo o que se lembrava, sem, no entanto, ter descoberto nada.

Os irmãos estenderam as buscas noutros locais, para aumentar as possibilidades de sucesso. Canana intensificava cada vez mais as suspeitas em relação ao pai, o seu subconsciente alertava: desiste, *Kongo*, vais acabar por descobrir algo que pode dar cabo da tua vida e da tua família! Não, não pode ser, o meu pai nunca nos deu motivos para desconfiarmos dele, não será hoje que isso vai mudar... alguma coisa deve ter-lhe acontecido!

Tinha se criado uma espécie de conflito interno consigo mesmo. Mas ele estava certo, aquele *kota* nunca tinha dado um passo em falso sem preparar a família. Não era o tipo de pessoa de segredos ou surpresas e para todas as mudanças que se apresentava necessário, antes mesmo de tomar decisão, contava sempre, em primeira mão, à velhota Margarida, a sua companheira de plantão, não é certo que tenha mudado de forma repentina, ou teria?

Depois de algum tempo de buscas, os irmãos e a mãe de Canana não encontraram nenhum sinal do líder da casa. Todos, na aldeia, tomaram conhecimento da aflicção da família. O elenco sobado havia convocado uma reunião de urgência, a fim de delegarem as buscas para ajudar aquela família em apuros. Havia todo tipo de rumor naquele dia. As pessoas especializadas em supor determinadas desgraças sobre a vida dos outros, mediante um acontecimento, estavam com as unhas aguçadas e profetizavam “diabolices”:

— Aquele animal deve ter voltado e comido o pai deles, com certeza! Será que é uma rixa contra a família?

— Deve ter sido devorado por um *nzamba* ontem à tarde!

— Por que razão mandou a família adiantar? Aquele velho sabe muito pah!

*

Kongo passou pelo morro das palmeiras e seguiu até à gruta das gajadeiras. Ali, enfiado por baixo daquelas monstruosas árvores, encontrou alguns bichos, uma manada de *kasexi*, comendo gajajas, que se dispersaram quando notaram a sua presença, um esquilo que galgou para cima de uma das árvores quando viu o caçador e vários macacos que também se dispersaram, mas estes estavam um pouco mais longe, afastadas do centro.

As gajajas dali eram singulares, bastante grossas e sumarentas, diferentes das de outras árvores da aldeia. Eram doces e azedas ao mesmo tempo (como qualquer gajaja), deixando água na boca de todos que por ali passavam, tão logo tivessem contacto com o cheiro forte dos frutos espalhados pelo chão. Um pedaço de extensão daquele campo regado por frutos que se apodreciam no chão foi cercado com rede do *kota* Firmino, mas não havia nenhuma vítima presa e, se houvesse, talvez tivesse sido capturada mais cedo por alguém. Havia trilhos ligeiros nas proximidades, vestígios de violência no chão, mas nada indicava uma possível apreensão.

A lenda dizia que aquelas árvores haviam sido plantadas por habitantes locais, ou seja, no meio daquele espaço, havia civilizações em tempos tão, tão distantes...

O elenco sobado terminou a sua reunião e convocou alguns jovens que conheciam as matas para ajudarem nas buscas. Antes de partirem, o soba pediu que os jovens fossem à casa da velha Guida, colher informações sobre toda a actividade que havia ocorrido na família, envolvendo o esposo no dia anterior ao incidente, detalhes que ajudassem nas buscas ou, pelo menos, que fornecessem algumas pistas para terem uma ideia de acção, precisavam traçar os pontos de partidas tendo em conta tais informações.

Depois de terminarem as conversações, juntou-se àquela comitiva de jovens, o Segunda, filho mais-velho de Firmino. Ao saírem à rua, ouviram, Canana gritava pelo seu irmão em voz alta e parecia desesperado. Ao que parecia, de longe, as mãos e

parte das suas vestes estavam sujas com manchas avermelhadas, o que provocou um grande susto ao mano mais-velho. Terá sido sangue?

— Segunda, mãe, encontrei-o! Encontrei o papá! — vociferou Kongo, mas não interrompeu os passos, avança veloz em direcção ao grupo.

Canana dirigia-se para o último lugar de visita depois de consultar dezenas de lugares conhecidos, uma densa selva que se ligava a um bosque formado por enormes pedras, ouvia, nos arredores, vozes de animais que advinham de longe, conseguia identificar alguns (macacos, galinhas do mato, esquilos e cigarras), os mais barulhentos e mais comuns. Depois de alcançar os amontoados de pedras, atravessou um desfiladeiro de arbustos espinhosos, deu a volta mais para cima e, do outro lado, vislumbrou a estranheza, uma enorme fumaça que evaporava como um funil entre as folhas das árvores, a alguns metros de onde estava. O caçador reduziu os bruscos movimentos, suspendeu mesmo os avanços, estava cansado e com sede, lembrou-se que não bebera quando atravessara o rio, a aflicção fê-lo ignorar esse importante detalhe. Foi se aproximando discretamente, passo a passo. Estando no meio da selva e sozinho, não podia simplesmente aparecer e se apresentar para quem quer que estivesse ali a foguear. Podia ser um inimigo, ou alguém desconhecido que podia fazer-lhe mal. Na selva, qualquer cuidado é pouco, ainda mais para um jovem adolescente. E, pode até ser fogo aceso pelo monstro, e se os makixi souberem até cozinhar?

Enquanto chegava mais perto, mais o arco da visão melhorava, era um homem, um *kota*, cujas vestes lhe eram familiares, Firmino, seu pai estava em pé, ao pé da fogueira e parece que cascava um tronco com a faca. Ele aproximou-se um pouco mais, era importante ter certeza, depois, chamou-o em gesto de confirmação.

— Sou eu mesmo, filho!

Canana, num vertiginoso movimento, correu em direcção a ele e o abraçou aliviado.

Firmino havia deixado a lavra naquela tarde, com o desejo de conseguir algum bicho para o consumo em casa. A dispensa estava vazia. Havia uns bons dias que só comiam *mengeleka*,

kizaka e outras ervas, acompanhado do habitual funje, não lhe agradava. Pegou a sua catana e partiu em direcção à selva do rio-loma. Depois de algumas horas de caminhada, sem encontrar nenhuma vítima para o jantar da família, contornou a reserva de gajajeiras e rumou para os bosques de pedra, por onde as armadilhas terminam. Por sorte, encontrou uma grande *pakasa*, uma alegria para o velho. Tinha se passado um bom tempo que ele não conseguia capturar um animal daquele tamanho.

A vítima parecia ter morrido no dia anterior ao que ele chegou. Então, como já era tarde (quase início da noite), o *kota* não podia simplesmente voltar para casa e retornar noutro dia, correndo o risco de encontrar a carne em estado de putrefacção. Tinha decidido talhá-la e grelhá-la durante à noite.

No momento da chegada do filho, o velho esteve a preparar a mochila com uma parte da carne e queria partir para casa, buscar ajuda para carregarem todo o resto. Quando o filho o abraçou, por descuido, escorregou e encostou levemente onde tinha sido feito o talho, manchando sua camisa de sangue. Após o reencontro, velho Firmino enviou o filho para o bairro, a fim de buscar mais pessoas para carregarem o ouro.

— Bom, eu não dormi nada à noite, vou cochilar um pouco enquanto aguardo pelos homens. Ainda bem que tu vieste, não estava a me imaginar voltar para a aldeia e ter de caminhar novamente até aqui. Consegues ir sozinho, não é mesmo?

— Sim, papá, posso sim.

— Pronto, vem com os teus irmãos e peçam mais cinco homens, há muita carne aqui, era uma *pakasa* velha.

Parece que, finalmente, tudo havia sido resolvido. Mais uma vez, os rumores e as desconfianças não passavam disso mesmo, e a família do Kongo voltou à sua rotina normal. Os disseminadores de boatos também tiveram a sua lição, conforme ocorrera nas edições anteriores, nenhuma das teorias de conspiração foi levada a sério.

Depois de algum tempo, os populares de Muquiama-Samba esqueceram-se dos acontecimentos daquela tarde. Ninguém se lembrava daquelas vinte e quatro horas de tensão na casa de Canana. E quando carregaram toda a carne para casa, tudo foi resumido em festas e um grande banquete. Havia bebidas

e *kindembe*, como era habitual depois de uma grande caçada. Cada pessoa pôde degustar de um pedaço de carne de pakasa com pirão.

Por seu lado, depois de muitas horas de pesquisas, muitas teorias sobre armamentos artesanais e outros objectos letais, Canana criou uma nova arma para o próximo embate com a fera. Passavam dias e mais dias, não se notava o desaparecimento de ninguém na aldeia. Pior ainda, não havia ninguém com ferimentos nos olhos ou um aranhão no rosto, resultante daquele duelo. Se havia, então ele não o conhecia ou nem via todos os habitantes da aldeia, porque sempre fazia questão de reparar nestes pormenores, em cada um que encontrava. Kongo estava determinado a dar um fim nesta história. Agora que teve a prova material que podia ousar em vencê-lo, as suas expectativas estavam elevadas.

— Dikixi tem de morrer! — dizia para si mesmo.

O caçador conseguiu uma ripa alongada de pau-ferro, esticadas em arco nas duas extremidades com cordas de cascos de embondeiro. Fez uma espécie de besta, forte e consistente, algo que nem parecia tão rudimentar, de tão genialmente elaborada. Arranjou também inúmeras flechas com o mesmo material, aguçando muito bem a parte frontal, tornando-o bastante pontiagudo. Juntou um pouco de água no pô de feijão-maluco e misturou em forma de papa, pincelando a mistura na parte pontiaguda de cada uma das flechas.

— Desta vez, tenho de colocar um ponto final nesse maldito dikixi!

Kongo, que falava sozinho, em sussurros, depois de finalizar o engenho, num dos esconderijos perto da sua casa, um pouco dentro do mato, ficou em frente à sua nova invenção letal (a besta). Percorria os olhos pelas extremidades, conferia as flechas, as cordas, as pontas afiadas e deixou transparecer um sorriso maléfico no canto do rosto, um sorriso maléfico e desafiador. Ele parecia gostar da sensação. Estava a brincar com o fogo e gostava daquilo, de sentir-se a caminhar no fio do perigo.

— Este monstro já teve diversão suficiente aqui na face da terra. É chegado o momento do ajuste de contas — disse

determinado. — Vou mandar ele aposentar-se na *maiombola*, no seu lugar favorito!

Sexta-feira, treze de Abril...

Canana havia preparado todo o cenário para o juízo final. Teve todos os treinamentos possíveis com a sua besta e tinha alcançado níveis de performances surpreendentes. Parecia que havia nascido para construir e manejar aquela arma, uma máquina de destruição de monstros. Neste dia, teve mais tempo para passear e rir com os amigos, parecia querer aproveitar melhor o tempo antes de partir para a grande missão. Os amigos, até as pessoas em casa diziam que ele parecia estranho.

— Estás tão animado, Canana! Há muito tempo que não te vemos tão feliz como hoje — diziam.

Canana foi à lavra pela manhã, trabalhou mais do que a medida habitual no pomar da família. No fim da tarde, jogou futebol com os amigos e ainda contou piadas. O *kandengue* sempre foi muito bem-humorado, todos sabiam. E, quando estivesse bem-disposto, contava as melhores piadas. Nessa sexta-feira, os amigos consideraram como “um dia de sorte”, sorriram à brava das anedotas de Kongo.

À noitinha, Kongo avisou ao pai que não dormiria em casa. Alegou que passaria a noite com o seu amigo Mabonzo e, como estavam todos eufóricos, kota Firmino acenou a cabeça positivamente. O pedido tinha sido feito em pleno jantar.

Por volta das vinte e uma horas, Canana saiu do interior da residência e, de forma discreta, guardou os seus artefactos de caça na parte externa da cozinha, num lugar bem reservado, para que pudesse retirar depois. Foi divertir-se com os amigos e retornou horas depois, quase meia-noite. Retirou a besta, a catana e as flechas e foi caminhando até o santuário do mal. Sim, voltou exactamente naquele maldito lugar da perdição e ficou em silêncio, armado, à espera que a fera viesse ter. Levou todo o tempo do mundo, ali, totalmente quieto. De súbito, como ele previa, aquele monstro deu início ao *show*, múltiplas vozes ecoavam de longe:

— Por que demorou tanto KONGO? Hoje é o nosso acerto de contas! Kongoooo! Kongoooo! Menino de Katchiungo!

As vozes do monstro ecoavam em todo o lugar, em múltiplos sons alternando desde a mais baixa a altas notas, pareciam vários monstros, efeito das múltiplas cabeças. O pequeno caçador manteve-se calmo a ouvir o oponente exhibir-se. Seguidamente, notando que o mesmo não se mostrava, não aparecia para o combate frente-frente, soltou também a sua voz, em tom vigoroso, exigindo que o monstro se mostrasse.

— Aparece dikixi, chegou o teu dia, hoje é o teu fim! Vou...

Kongo mal teve tempo de concluir a oração, de súbito, levou com um violento golpe no rosto. Estava já a se tornar a marca, o golpe na face logo no início da abordagem, o caçador já deveria saber. A besta, o molho de flechas e a catana, cada peça tomou um curso diferente, saltando das mãos do amo. O caçador que sangrava com aquela golpada, escorregou num reboliço e segurou de imediato a catana (era o adereço que se encontrava mais próximo), colocando-se frente a frente com o gigante oponente. Apontou para a fera, respirava e inspirava profundamente, mas não temia aquela criatura que era duas vezes maior do que ele. Duas ou três?

Kongo, rodopiou outra vez e tentou encostar-se no monstro para esquartejá-lo, mas sem sucesso. Este esquivou-se e acompanhou inteligentemente o seu movimento, por pouco o alcançava com um pontapé, uma tentativa de esmagamento. O bravo guerreiro jogou-se no chão, esquivando-se do golpe e o monstro veio para cima, tentando agarrá-lo e despedaçá-lo com aquelas fartas mãos, tão rápido nos movimentos que não dava

para prever os golpes. Kongo, também pragmático, afastou-se de forma acrobática, mas aquele truque de rodopio do monstro atingiu ligeiramente a sua perna esquerda, provocando uma lesão na parte do tornozelo. Ainda assim, com a perna a coxear, como que andando em saltitos, galgou o morro e baixou-se numa minúscula pedra. Enquanto o monstro se aproximava de um lado, ele girou rapidamente para o lado contrário e infringiu um golpe com a catana nas costas do bicho, ferindo-o certamente.

O dikixi deu um rugido tão alto, que o barulho se espalhou em todo o bairro e o menino fugiu mato abaixo, escondendo-se nos capins e arbustos de bambus. Com a catana manchada de sangue, sangue e pelos negros da fera.

— Ah, ah, ah! Kongo maldito, acabaste de acertar-me o teu último golpe! Prepara-te para morrer menino estúpido! — A fera andava cambaleante, descia arrastando os passos — Agora lembrei-me daquele teu truque do feijão-maluco na última vez que nos cruzámos. Era feijão maluco, não é mesmo? Pois, foi muito inteligente de tua parte! Tive que me transformar em humano rapidamente, para me livrar do olho ferido e daquela queimadura! — O monstro falava e soltava pequenas gargalhadas, parecia divertir-se. A voz era grave, grave e forte, mesmo de perto continuava a reproduzir-se em múltiplos tons.

— Humano? Tu sabes o que é ser humano, lembras-te das vidas que ceifaste? És apenas um monstro e, amanhã, toda a aldeia vai lembrar-se de ti só por isso, por teres sido um devora-

dor de gente! Vou enviar-te para tomar *malavu* eternamente na *maiombola*, onde tu pertences!

Canana respondia e escrutinava os movimentos do monstro, traçava estratégias para recuperar a besta e o molho de flecha que ficou mais acima.

— *Maiombola?* Hei Kongo! É ali onde vou enviar-te agora mesmo para trabalhares na minha lavra e juntares-te aos outros. Ai, vai ser tão bom ter alguém tão forte como tu sobre os meus comandos, forte e jovem, uma recompensa dupla do além!

O dikixi correu rapidamente mato abaixo, rompia o que em frente encontrava, derrubava os arbustos e bambus, a ver se linchava de vez o Kongo. O *kandengue*, manteve-se atento aos movimentos do oponente, esquivava as investidas. O terror era real e percorria o mesmo caminho do pequeno caçador, com as garras afiadas, os olhos todos avermelhados como uma fogueira, bufava e grunhia. Ali escondido, o puto mirou para as feições do monstro, os pêlos brilhantes e escuros. A coisa era gigante, quase o triplo da sua altura, feições de uma pakasa, posição erecta como um humano, as três cabeças enormes e o horrível fedor que exalava. Por algum momento, Canana apertou o nariz com os dedos, negava-se a sentir aquele odor imundo.

Árvores, arbustos, até o vazio ecoava um som misterioso e medonho, pairava uma ventania incomum naquele lugar, um zumbido estranho desfilava na madrugada, tudo a favor daquele terror.

— Kongo, Kongooo, Kongooo... consigo sentir-te, menino de Katchiungo! Eu consigo ver além das rochas, sabias?

Enquanto repetia o nome do menino em forma de canto, o caçador aproveitou a brecha do ruído do vento e da sua

voz majestosa, deu meia volta naquele terreno e tornou a escalar o monte, surgindo do outro lado onde tinha iniciado o combate. Recolheu rapidamente as flechas e a besta, armou-a e aproximou-se vagarosamente por onde estava o velho monstro. Ajoelhou-se sob forma a posicionar-se firme e preparou o engenho pronto para cuspir fogo.

— Kongo, eu vi os teus movimentos, menino de Kat-chiungo. Não tenhas...

Ao tentar escalar em direcção ao caçador, a voz fora silenciada, sentiu uma picadela, um choque intenso no peito, bem à tangente do coração. Grunhiu, mas desta vez foi um grunhido ainda mais barulhento, de sofrimento.

— Sente a ira do feijão maluco nas tuas entranhas, monstro moribundo! — gritou o menino enquanto armava outra flecha para acabar com a vida do monstro.

O dikixi reagiu de imediato após ser atingido, enquanto o menino baixava a cabeça para ajustar a segunda flecha, não reparou que o monstro vinha em sua direcção e então, num vertiginoso e inesperado movimento, aconteceu o inesperado, foi atingido com uma aguçada unha pela barriga e aquelas garras afiadas atravessaram-lhe o outro lado do corpo, nas costas.

O dikixi caiu ao lado após aquele movimento, o caçador tombou igualmente do outro lado. E, enquanto o menino se contorcia de dor, o monstro dava gargalhadas, rosnava, resmungava e bufava.

— Acabaste de derrotar o último da minha espécie, Kongo maldito! Eu sonhei com essa morte, com esse fim, pensei que

podia enganar o meu chamado, chegou o castigo do além para mim... Ahhhhh!

Um grito ensurdecador despontou-se do bicho, um enorme ruído que despertou todo o povoado e, depois, silêncio, sucumbiu, iniciou a metamorfose, transformava-se em humano, aos poucos, num ritmo quase mágico.

Kongo, já na agonia, levantou a cabeça, fez um último esforço, vislumbrando o rosto do monstro, proferindo depois em fraca voz:

— Velho Njila? Merda! Velho bêbedo, sempre desconfiei de ti, deveria ter dado mais atenção aos meus instintos. Sacana! Dikixi, agora já não vais assombrar ninguém. Já posso descansar em paz! Estou pronto para partir.

O caçador rangeu os dentes, notava-se a agonia dele enquanto proferia aquelas palavras com os olhos molhados de lágrimas, molhados e cruéis.

Não tardou muito, aquele local estava apinhado de pessoas da aldeia. Segunda, o irmão de Canana segurou-o nos braços e chorava em prantos. Momentos depois, Canana pediu ao irmão para se aproximar, e sussurrou-lhe algumas palavras aos ouvidos, perecendo logo a seguir, deixando o irmão aos gritos.

— Não! Acorda! Não podes nos deixar assim!

Às treze horas daquele sábado, o velho monstro que se mantinha metade do corpo humano e outra parte ainda animal, foi a enterrar na selva do Mbueji. Enquanto os caçadores procediam ao enterro, sob recomendações do Soba, proferiam

disparates ao corpo, era um ritual para que espécie daquele tipo não voltasse a nascer nas próximas gerações.

Kongo, o caçador dos caçadores, foi enterrado no dia seguinte, no cemitério do bairro. Fez-se presente no seu funeral, entidades de várias outras localidades, a notícia daquela grande caçada tinha se espalhado muito rápido. A grande batalha perpetrada por aquele menino, vencido com a sua vida. Muitos na comunidade sabiam e temiam a existência daquele monstro, afinal o terror era conhecido, as manifestações apareceram somente depois da morte do bicho.

Na cerimónia fúnebre de Kongo, o soba ordenou que plantassem um arbusto de pau-ferro ao lado da sua campa, para simbolizar a sua bravura e coragem. No mesmo dia, em gesto de homenagem, houve uma grande festa na aldeia, com pirão, bebidas e *kimdembe*, é o que acontecia quando morria um caçador, e aquele menino tinha feito a maior caçada de sempre.

Ao fim das comemorações, Kongo, o caçador foi declarado o herói da aldeia e a sua tenacidade foi lembrada e celebrada desde então.

Por seu lado, os pais de Canana, assim como os irmãos estavam transtornados com aquela perda. O segundo membro da sua família que se foi, após saírem de Katchiungo com o objetivo de conseguirem melhores condições de vida. Os velhotes comparavam o saldo final e arrependiam-se. Será que valeu a pena terem partido da terra natal?



LUCAS CASSULE nasceu no Bengo, a 6 de Julho de 1986, licenciado em Engenharia Informática. É escritor, editor, docente universitário, locutor de rádio e promotor cultural. Autor dos livros: *A vila assombrada pelos makixi*, *Afroerotismo em contos*, *Mil correspondências* e co-autor de diversas obras publicadas em Angola, Portugal e Moçambique. Tem diversos contos publicados no *Jornal Angolano de Artes e Letras*, no portal da literatura angolana “ésobreler”, no portal brasileiro *Crônicas Cariocas* e no seu blog. Escreve em prosa, poemas, crónicas e pensamentos.

Em 2022 foi homenageado pela Africa Honoree Author, na conferência de Génesis, Firemont, em Johannesburg, pelo seu contributo à literatura angolana e ao resgate e promoção do valor cultural africano.

Eleito como uma das 100 personalidades literárias mais influentes do ano 2023, pelo Clube de Autores.

Palestrou sobre diversos temas relacionados à literatura, incluindo duas instituições de ensino brasileiras.

Foi homenageado escritor do mês pelo Instituto Camões, em Novembro de 2022.

Criador e moderador das rubricas *Conheça o escritor*, *Literatura e conversas*, *Sanga de ideias* e *Nas páginas do livro* realizado no Instagram e Facebook, entrevistando mais de 70 autores e personalidades ligadas à literatura nacional e internacional, e dezenas de sessões de recitais de 2020 a 2023.

Não esconde a sua admiração por Pepetela e não só teve o privilégio de sentar com ele para uma conversa privada, como também pode moderar a conversa na sua homenagem feita pelo Instituto Camões em 2023.

É um amante incurável da literatura e da arte no geral.

